

Cezar Braga Said

# Centro Espírita



Uma visão construtiva



*Handwritten signature*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)



# CENTRO ESPÍRITA UMA VISÃO CONSTRUTIVA

## RESPONSABILIDADE SOCIAL

Na modernidade, requisitados a verificar que, no seio da sociedade, somos convidados a responder firmemente às solicitações que chegam de vários pontos, no sentido de se constituir uma sociedade mais justa e mais humana, percebemos que não cabe apenas ao Estado assumir responsabilidades...

A RESPONSABILIDADE SOCIAL é dever de todos nós, indivíduos, uns para com os outros!

Quando os homens se reúnem para se auxiliarem mutuamente, com determinação, põem em prática a mais sublime das orientações do Cristo e de Deus: "amarmo- nos uns aos outros, fazendo a eles o que desejaríamos que nos fizessem".

Das mais diversas maneiras, podemos colaborar nessa ação!

Saiba que, adquirindo uma obra da Léon Denis - Gráfica e Editora, ou utilizando nossos serviços gráficos, você contribui para a melhoria do atendimento a uma criança da Creche Maria de Nazaré, na Obra Social Antonio de Aquino (OSAA), ou junto a comunidades de baixa renda no subúrbio do Rio de Janeiro.

Nessa mesma obra, jovens, que até bem pouco tempo estavam sem perspectivas de ingresso no mercado de trabalho, são assistidos pelo Projeto Transformar, e, pouco a pouco, vão se capacitando com o aprendizado ali obtido, desenvolvendo sua auto-estima e, posterior- mente, imbuídos da consciência de cidadania, candidatam-se a ser mais um colaborador na constituição de uma sociedade mais consciente...

Assistência educacional, amparo à saúde, às gestantes e aos idosos acolhidos na OSAA, como também melhoria na alimentação de nossas crianças e jovens são exemplos da participação consciente que temos desenvolvido com a comercialização de livros e serviços produzidos por Léon Denis-Gráfica e Editora.



Dia da Reunião Pública no CELD



Atendimento na OSAA



Atendimento na OSAA

Participe desta causa e ajude o CELD a manter suas Obras Sociais



Cracha Marta da Nazaré



Crache Marta da Nazaré

## SUMÁRIO

Prefácio .....	
Princípios da Administração Espírita .....	15
1. O valor da crítica.....	17
2. Kardec e o trabalho em equipe .....	23
3. Líderes e lideranças .....	29
4. A passagem do bastão .....	37
5. Atitudes espíritas .....	41
6. Quem são os espíritas?.. .....	47
7. Perguntas que o Centro Espírita nos faz	53
8. Resolvendo situações-problema .....	61
9. Repensando a qualidade no Centro Espírita	71
10. Competição e cooperação .....	77
11. Errar é humano .....	83

<b>12.</b> .....	<b>Espiritizar</b>
<b>13.</b>	<b>Fora do Centro Espírita não há salvação 97</b>
<b>14.</b>	<b>O que faria Allan Kardec com um milhão?101</b>
<b>15.</b>	<b>Órgãos e agentes de unificação..... 109</b>
<b>16.</b>	<b>Modismos, atavismos e ingenuidades .. 119</b>
<b>17.</b>	<b>Humanizar .... 125</b>
<b>18.</b>	<b>Humanizemos Kardec ..... 131</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>..... 137</b>

O Centro Espírita é campo de luz aberto a todos aqueles que tateiam nas trevas da ignorância, da presunção e do egoísmo, apontando rumos de libertação.

Atualizá-lo, sem lhe modificar os objetivos básicos; desenvolver as suas atividades, sem lhe alterar as estruturas ético-morais; qualificá-lo para os grandes momentos da hora presente como do futuro é dever de todos os espíritas, preservando as bases que nele devem vigor.

*Vianna de Carvalho Divaldo Pereira Franco*

("Reformador " / outubro de **1995**.)

## PREFÁCIO

*Centro Espírita — Uma Visão Construtiva* é um livro que aborda temas que giram em torno do cotidiano das instituições espíritas, em particular, o Centro Espírita.

Alguns dos capítulos, aqui presentes, foram publicados tanto na Revista "Presença Espírita" quanto na Revista "Reformador", ao longo dos últimos anos.

Neste livro, procuramos dar segmento ao que consideramos uma análise psicossocial do comportamento humano dentro do centro e no movimento espírita como um todo.

É um trabalho crítico-construtivo, pois não apenas analisamos os problemas, mas também sinalizamos alternativas viáveis para a obtenção de melhor qualidade em nossas iniciativas e de maior equilíbrio em nossa conduta.

Não é um livro que estimula a passividade e o conformismo. Ao contrário, desejamos que ele produza uma indignação construtiva, que mexa com o imobilismo das pessoas, ainda que discordem do que escrevemos, pois entendemos que pensar, trocar ideias, argumentar e contra-argumentar são hábitos saudáveis, necessários, que foram praticados e estimulados por Allan Kardec ao longo de toda a codificação. E sem este exercício não há crescimento, apenas estagnação.

Sem a pretensão de estarmos dando a última palavra sobre o assunto ou fechando a questão em torno das nossas colocações, esperamos que a sua leitura possa acrescentar informações e produzir reflexões nos companheiros de ideal.

# PRINCÍPIOS DA ADMINISTRAÇÃO ESPÍRITA

- 1 Todo relacionamento humano deve basear-se na confiança mútua e na humildade daqueles que detêm o poder de comando.
- 2 Todos os que comandam devem ajudar os companheiros à sua volta a alcançarem seu pleno potencial, inclusive, mediante cursos de capacitação.
- 3 O acesso à hierarquia deve ser facilitado e instalados canais para recebimento, análise e respostas de sugestões, críticas e dúvidas.
- 4 Os que estão nas funções de comando devem apoiar e reconhecer o êxito dos demais, dando maior ênfase aos acertos do que aos erros.
- 5 Os que comandam devem se mostrar dignos das funções que ocupam, mais pelos exemplos do que pelas palavras.
- 6 As decisões devem ser tomadas por aqueles que convivem com o problema.
- 7 Todos os trabalhadores, independente das funções desempenhadas, devem buscar o aperfeiçoamento constante.
- 8 O clima de compreensão, cooperação e igualdade de direitos deve ser a tônica do grupo espírita.
- 9 À espiritualidade cabe orientar e coordenar e aos encarnados decidir e executar.

## CAPÍTULO 1 O VALOR DA CRÍTICA

*Aquele que pensa ter uma opinião mais justa que os outros, poderá fazê-la melhor aceita pela doçura e pela persuasão; seu azedume seria mal calculado.*

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1862.

E muito comum, em nosso meio e até fora dele, haver uma certa prevenção, uma certa reserva quando o assunto diz respeito à validade da crítica. O sentido desta palavra e o seu emprego vêm sendo distorcido ao longo do tempo, a ponto de associarmos crítica à maledicência, atitude destrutiva, deselegante, anticristã.

O crítico tomou-se uma criatura desagradável, *persona non grata*, alguém passível de estar sendo instrumento das trevas para produzir desentendimentos num grupo. Com isso muita gente tem preferido ficar calada, evitando fazer qualquer comentário para não causar mal-estar.

Com esse procedimento, os erros são vistos, mas não são comentados. Em outras ocasiões são falados, mas não para o maior interessado que é justamente

quem acredita estar agradando e agindo corretamente.

A ausência da crítica reforça a passividade, gera a omissão, impedindo alguém ou um grupo de crescer.

A palavra crítica vem do grego *kritiké* e quer dizer arte de julgar. É um juízo apreciativo, seja do ponto de vista estético (obra de arte), lógico (raciocínio), seja do ponto de vista intelectual (filosófico ou científico), seja do ponto de vista de uma concepção, de uma teoria, de uma experiência ou de uma conduta.<sup>1</sup>

Imaginemos um educador que se recusasse a ter uma atitude crítica diante dos trabalhos apresentados por seus alunos.

Um comerciante que fosse desatento à qualidade dos produtos que vende e à maneira como seus vendedores atendem seus clientes.

Um editor despreocupado com o teor dos livros que publica ou com a natureza dos artigos que veicula numa determinada revista.

Um cozinheiro que não levasse em conta os comentários feitos pelos que comem da sua comida.

O educador, o comerciante, o editor e o cozinheiro estariam fadados ao fracasso no exercício da profissão que abraçaram. E por que seria diferente em relação às atividades desenvolvidas num centro e no movimento espírita como um todo?

É importante recordar uma afirmativa do médium Divaldo Pereira Franco a respeito do assunto:

A Doutrina Espírita é de caráter analítico, crítico por excelência. Kardec jamais aceitou uma resposta dos Espíritos sem fazer-lhe a crítica, isto é, a análise. Criticar não é só demolir, mas analisar, discutir, discordar, quando necessário, com nobreza.<sup>2</sup>

Vemos, assim, que é possível e até necessário sermos críticos, a fim de não pararmos no tempo, melhorando, constantemente, os nossos serviços e nunca perdendo de vista o próprio melhoramento interior.

Ser crítico então é:

- Ler e avaliar as mensagens enviadas pelos espíritos.
- Tecer comentários destacando os trechos coerentes ou não de um determinado livro, seja ele mediúnico ou mesmo de encarnados.
- Externar um comentário a respeito da qualidade de uma peça de teatro, um filme ou um CD produzido em nosso meio.
- Apreciar uma palestra, destacando as possíveis posições pessoais emitidas pelo expositor e também as colocações adequadas, as histórias oportunas, o tom

<sup>1</sup>JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 62.

<sup>2</sup>FRANCO, Divaldo Pereira. *Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas*. 4. ed. São Paulo: USE, 1995. Cap. 'Os centros espíritas e a arte mediúnica.' \*\*

de voz agradável, sua disciplina quanto ao tempo, etc.

- Analisar a gestão de uma casa espírita, concordando ou não com os procedimentos adotados pelos dirigentes, externando para eles o nosso ponto de vista.

- Dizer "não concordo", sem raiva, sem ódio, mas com tato, com educação, procurando o momento adequado, sem diminuir o afeto pela pessoa a quem dirigimos o nosso comentário.

- Ser franco sem ser rude. Gandhi dizia que "a verdade pode ser dura como um diamante ou suave como a flor do pessegueiro".

- Fazer a crítica estimulando, desejando o crescimento dos companheiros, dando a eles o mesmo direito de nos criticar. Muita gente é doce ao apontar para o outro onde este deve corrigir-se, mas tremendamente acre na hora de receber os comentários a seu respeito.

Lembramo-nos de uma frase do professor Pedro Demo (Universidade de Brasília), quando este afirma que é contraditória uma crítica sem autocrítica, pois aplica aos outros o que não apuca a si mesma.

Precisamos ter cuidado para não ficar procurando agulha em palheiro, transformando a busca por coerência em intransigência. Assumindo a postura de defensores do Espiritismo e fiscais da vida alheia, caindo numa postura exaltada e fanática.

O equilíbrio, com que apreciamos uma conduta ou um trabalho, reflete o equilíbrio que já logramos conquistar em nosso mundo interior.

Há quem se decida pelo outro extremo. Está sempre elogiando, vendo apenas flores onde existem também espinhos. Essa é uma conduta ingênua, contraproducente, pois acaba contribuindo para reforçar determinados erros, que poderiam ser corrigidos com naturalidade sem que ninguém se melindrasse ou se afastasse da tarefa abraçada.

Estimular é diferente de enaltecer. Mas conhecemos companheiros que dizem nunca elogiar para não endossar a vaidade dos outros, isto é, julgando por antecipação qual seria a posição do outro, entretanto, o que ocorre com a planta que não recebe água, adubo e cuidados? Morre. Também poderá morrer se receber água em excesso ou ficar muito tempo exposta ao Sol.

Saber estimular, destacando os aspectos passíveis de serem aperfeiçoados e os que estão satisfatórios, é uma arte que precisamos aprender a cultivar. Ninguém desenvolve esse talento ficando calado, achando que tudo vai bem ou detendo-se sistematicamente e exclusivamente nas pequenas ou grandes falhas dos companheiros de ideal.

Somos todos humanos, espíritos em processo de reajuste e crescimento, não há ninguém em regime de exceção na face da Terra. Por isso, sem tolerância e estímulos mútuos, não alcançaremos a vitória gradativa sobre as nossas imperfeições.



Aprendamos com Kardec essa difícil arte de julgar, apreciar com equilíbrio, lembrando, sempre, de Jesus, quando este afirma que seremos medidos com as mesmas medidas que utilizarmos com os outros.

Crítica sim, mas autocrítica sempre!

## CAPÍTULO 2 KARDEC E O TRABALHO EM EQUIPE

Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranquilidade, de estabilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraterno. Todo grupo ou sociedade que se formar sem ter por base a caridade efetiva não terá vitalidade; enquanto que os que se formarem segundo o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, não podendo viver todos sob o mesmo teto, moram em lugares diversos.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1862**

Aprender a trabalhar em equipe é um requisito fundamental para a nossa socialização, pois na vida de relação, de modo geral, somos chamados a conviver com pessoas diferentes, das quais dependemos e com as quais precisamos colaborar.

É um grande erro acreditar que podemos fazer tudo sozinho, sem o auxílio dos demais. É também um equívoco acreditar que o trabalho só sairá bom se formos nós os executores. A auto-suficiência é uma das grandes ilusões contra a qual precisamos lutar. Nenhum de nós sabe e pode tudo. Nosso saber e poder são relativos. Todos estamos na condição de aprendizes, em regime de interdependência, destinados a aprender uns com os outros o que ignoramos.

Em tomo desta questão, Allan Kardec faz uma advertência que poderíamos considerar como uma constatação de sua parte, tendo em vista que não deixamos de ser imperfeitos pelo simples fato de abraçarmos os princípios espíritas:

Um equívoco muito frequente entre os novos adeptos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. Essa pretensão de não mais necessitar de conselhos, e de se julgar acima de todos, é uma prova de insuficiência, pois foge a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade.<sup>3</sup>

Apenas ousaríamos acrescentar que não são apenas os novos adeptos, muitas vezes, os mais antigos, infelizmente, também pensam assim. Quando não se isolam, fazendo um "Espiritismo a sua maneira" e agregando pessoas em tomo do seu carisma, permanecem no movimento fiscalizando os outros e discordando sistematicamente de ideias que não sejam as suas. Creditam-se a condição de "crivos" das iniciativas que se dão no meio espírita.

Diferentemente dessa postura, quando procuramos atuar em equipe, muitas vezes somos chamados a colaborar de maneira anônima, aceitando a liderança de companheiros que estão investidos dessa responsabilidade. Em outras ocasiões, também somos chamados a assumir o comando dos esforços e de uma forma ou de outra, sempre deveremos acatar as decisões que decorram do consenso. Mesmo porque, nenhum de nós é indispensável, embora todos sejamos chamados a colaborar nesse ou naquele setor. Nem mesmo Allan Kardec era indispensável, do contrário o Espírito de Verdade não teria lhe dito:

Não te esqueças de que podes triunfar, como podes falir; neste último caso, um outro te substituirá, pois os desígnios de Deus não se repousam sobre a cabeça de um homem.<sup>4</sup>

Apesar desta possibilidade, era ele quem reunia as melhores condições para empreender a tarefa de codificar o Espiritismo, embora se encontrassem também reencamados espíritos prontos a levar adiante os desígnios de Jesus. Essas mesmas almas, como Léon Denis, Gabriel Delanne e outros se encarregaram de desenvolver e difundir as ideias espíritas. Não estavam interessados no comando de nada, queriam antes somar esforços e fazer o melhor que pudessem.

Allan Kardec não apenas valorizava o trabalho em equipe, como também fazia parte de uma, a equipe do Espírito de Verdade, que atuava em conjunto, desdobrando-se na esfera espiritual e material.

O próprio Jesus, quando encarnado entre nós, enfatizou a importância do trabalho em equipe, convocando doze discípulos para o trabalho de evangelização das criaturas.

As obras de André Luiz, em particular, narram a organização, a disciplina, os princípios que regem *Nosso Lar* e algumas outras colônias espirituais, demonstrando que ninguém, em lugar algum, opera sozinho na obra do bem ou do mal. Mesmo os espíritos inclinados ao mal atuam em conjunto, com tarefas previamente planejadas e posteriormente avaliadas.

Na obra *Paulo e Estêvão*, os relatos do Espírito Emmanuel informam que na constituição da Casa do Caminho e nos primeiros núcleos do Cristianismo primitivo, havia sempre mais de um companheiro se revezando com outro na execução das tarefas. O sentido da ação em equipe, proclamado de forma silenciosa por Jesus, tomou-se uma importante diretriz na organização e sobrevivência destes primeiros núcleos.

Hoje em dia, para que os centros espíritas possam continuar fieis a Jesus e a Kardec, faz-se necessário que as equipes estejam abertas para se renovarem. Renovem-se com novas ideias e novos companheiros, sem que ninguém retenha, indefinidamente, o comando de nada. Mas que essa renovação se processe com

<sup>4</sup> KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: Léon Denis - Gráfica e Editora, 2002. Cap. 'Minha missão'.

critérios e não estouvadamente. Que ocorra sem apegos e melindres.

Sabemos que a principal renovação de que temos necessidade é a do nosso mundo interior, pois sem essa, todas as outras ficarão comprometidas. Mas podemos atualizar as técnicas, estudar e implantar novos modelos de gestão, rever a metodologia dos estudos, convidar expositores de outras casas, promover encontros, criarmos grupos para estudar determinada obra, participarmos de encontros de preparação, realizados pelos órgãos de unificação ou aqueles que se dão em determinados centros, analisarmos outras experiências, a fim de que a nossa equipe cresça e o trabalho prossiga com qualidade.

As diretrizes gerais, para esse empreendimento, estão sinalizadas e ao mesmo tempo justificadas na codificação, particularmente em *Obras Póstumas*, de Allan Kardec:

(...) a direção, de individual que precisou ser no início, deve tomar-se coletiva; primeiro, porque chega um momento em que seu peso excede as forças de um homem, e, em segundo lugar, porque há mais garantia de estabilidade numa reunião de indivíduos, na qual cada um representa sua própria voz, e que nada podem sem o concurso uns dos outros, do que um único, que pode abusar de sua autoridade e querer fazer que predominem suas ideias pessoais.

Para o público dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, numa palavra, de um corpo constituído, representando uma opinião coletiva, terão, forçosamente, uma autoridade que jamais teriam, se emanassem de um único indivíduo, que apenas representa uma opinião pessoal. Com frequência rejeita-se a opinião de uma única pessoa, acredita-se que se humilharia por ter que se submeter, enquanto que a de vários é aceita sem dificuldade. (Constituição do Espiritismo: 'Comissão Central'.)

(...) a ninguém é dado possuir a luz universal, nem nada fazer com perfeição; como pode um homem iludir-se acerca de suas próprias ideias; enquanto outros podem ver o que ele não pode; (Constituição do Espiritismo: 'Os Estatutos Constitutivos\*'.)

Há, igualmente, num ser coletivo, uma garantia de estabilidade que não existe quando tudo repousa sobre uma única cabeça: se o indivíduo for impedido por uma causa qualquer, tudo pode ficar entravado. Um ser coletivo, ao contrário, perpetua-se incessantemente; se perder um ou vários de seus membros, nada periclitam. (Constituição do Espiritismo: 'Comissão Central'.) ; • /

Essas colocações valem para a direção de um órgão de unificação, de um centro espírita, de um departamento existente no centro ou mesmo para uma equipe transitória, que se constitua apenas para a realização de um evento.

Precisamos deixar de reclamar da ausência de colaboradores e começar a nos perguntar:

1. Como a nossa equipe atua?
2. Nela predomina a sinceridade e todos aprendem uns com os outros?

3. Como lidamos com as ideias que são contrárias às nossas?
4. Procuramos conhecer a maneira como as outras instituições espíritas se organizam?
5. Temos nos capacitado para melhor execução da tarefa que abraçamos?
6. Nossa equipe tem se renovado ao longo dos anos com novos irmãos?
7. Nossa equipe planeja, avalia e se avalia?

Mais do que apenas fazer a nossa parte, precisamos analisar se colaboramos para que os outros façam a parte que lhes compete. Não com intromissões que comprometam a autonomia dos companheiros e impeçam que os erros lhes ensinem o que precisam saber, mas com estímulos, sugestões, colocando-nos à disposição para auxiliá-los, tanto quanto esperamos o concurso alheio em nosso próprio auxílio.

Uma equipe formada por espíritas deve ser mais que uma equipe, deve ser uma verdadeira família, onde o fracasso de um atinge a todos e onde o êxito de alguém é o sucesso de todos.

## CAPÍTULO 3 LÍDERES E LIDERANÇAS

Esta (imobilidade), ao invés de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e ruína, para quem não segue o movimento geral; ela rompe a unidade, porque aqueles que querem ir adiante se separam daqueles que se obstinam em permanecer para trás.

Allan Kardec *Obras Póstumas*

Quem se encontra à frente de um grupo, exercendo sua liderança, deve procurar desenvolver e aperfeiçoar suas qualidades e ao mesmo tempo trabalhar para que os integrantes do grupo desenvolvam igualmente as próprias potencialidades.

No dicionário Novo Aurélio séc. XXI, consta que líder é: **1.** Indivíduo que chefia, comanda e/ou orienta, em qualquer tipo de ação, empresa ou linha de ideias. **2.** Guia, chefe ou condutor que representa um grupo, uma corrente de opinião, etc. É Nazareno Tourinho, espírita do Estado do Pará, quem afirma que existem qualidades essenciais a quem lidera, como Autenticidade, Idealismo, Coragem, Simpatia, Habilidade, Sensibilidade, Tenacidade, Flexibilidade, Otimismo e Comunicabilidade.<sup>5</sup>

Se formos procurar pessoas que reúnam todos esses predicados, a fim de que

<sup>5</sup> TOURINHO, Nazareno. *Relações Humanas nos Centros Espíritas*. 1. ed. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1994. Cap. 'Como lidar'.



elas assumam a liderança dos centros espíritas e órgãos de unificação, talvez fiquemos órfãos e as atividades venham a sofrer solução de continuidade. Não que não existam companheiros que possuam tais qualidades, mas é muito difícil encontrar todas elas numa única pessoa.

Desse modo, reconhecendo em nós ou em alguém o mínimo para estar à frente de alguma tarefa, que possamos assumi-la ou estimular alguém a fazê-la, colaborando com essa pessoa como gostaríamos que colaborassem conosco, caso estivéssemos em seu lugar.

O líder espírita ideal é o aristocrata intelecto-moral, o Homem de Bem de que nos fala Allan Kardec.

Sua liderança é horizontal, pois reconhece e respeita a capacidade de cada pessoa, trabalhando para que outros possam substituí-lo a qualquer instante, pois sabe que a continuidade da tarefa é mais importante do que a continuidade da sua liderança.

Para isso procura não apenas ser simpático, mas principalmente empático, pois a empatia é a *tendência para sentir o que o outro sentiria, caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa*,<sup>6</sup>

De acordo com a Psicologia, empatia pode ser também a *Compreensão intelectual de uma pessoa por outra pessoa, associada à capacidade de sentir como se fosse essa outra pessoa*,<sup>7</sup>

Um líder empático toma-se carismático e querido pelo grupo, quando está atento ao que pensam e sentem os seus companheiros.

Daniel Goleman, autor do livro *Inteligência Emocional*, chega a afirmar que a ausência desta qualidade num ser humano representa *um grande déficit de inteligência emocional, e uma trágica falha no que significa ser um ser humano*.<sup>8</sup>

E um líder espírita tem o compromisso de ser solidário, desapegado de cargos, ser vigilante em relação à própria vaidade, ao sentimento de que é insubstituível, mantendo-se atento às pessoas com as quais está permanentemente em relação.

E alguém que reconhece que os conflitos são inevitáveis em qualquer grupo, afinal eles existiram até entre os discípulos de Jesus.

O Espírito Joanna de Ângelis salienta que o conflito é algo constitutivo do ser humano, devendo ser devidamente administrado.

Numa apostila do Sebrae sobre "Ética e Desenvolvimento de Equipes", encontramos algumas considerações sobre os conflitos num grupo de trabalho. São

<sup>6</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 739.

<sup>7</sup> NICK, Eva e CABRAL, Álvaro. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 92.

<sup>8</sup> ■ GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Cap. 'As raízes da empatia'.

elas:

- Conflitos ocorrem e são naturais.
- É possível administrar a maioria dos conflitos.
- Conflito é busca de alternativas.
- O conflito pode ajudar a formar relacionamentos,
- Conflitos podem desafiar a acomodação de ideias e posições.
- Conflitos podem exercitar a imaginação para soluções originais.
- O conflito pode motivar uma mudança.

No mesmo texto ainda se diz que diante dos conflitos tendemos a adotar as seguintes posturas:

(----- \
U Competimos.
2. Evitamos.
3. Acomodamos.
4. Conciliamos.
5. Colaboramos.
8 _____ y

Embora estas posturas possam ser utilizadas em determinadas situações, a colaboração é a melhor forma de administrar conflitos e nada melhor para nos entendermos do que o diálogo franco e fraterno.

Isso só é possível quando o líder é democrático, quando trabalha e permite que outros trabalhem, ouvindo e aprendendo com o grupo, coordenando esforços, nunca impondo decisões ou ficando melindrado, quando sua opinião não é aceita pela maioria.

Para isso é importante que os líderes espíritas incentivem todos a uma maior eficiência e eficácia.

Alkíndar de Oliveira salienta que precisamos de maior ousadia por parte dos líderes espíritas. Ousadia que se traduza em maior eficácia, pois a eficiência, de uma forma ou de outra já possuímos. Frisa também que:

A DIFERENÇA BÁSICA ENTRE UM DIRIGENTE ESPÍRITA EFICIENTE E UM DIRIGENTE ESPÍRITA EFICAZ É QUE ESSE ÚLTIMO, AO CONTRÁRIO DO PRIMEIRO, NÃO SE ISOLA NO SEU CENTRO ESPÍRITA.<sup>9</sup>

Tomando por base a reflexão de Alkíndar e o paralelo feito por ele entre eficácia e eficiência, com um pequeno acréscimo de nossa parte, teremos:

— DIRIGENTE EFICIENTE —

1. Cuida bem do centro espírita que dirige. Mas só do centro espírita que dirige.
2. Não divulga o Espiritismo para os não-espíritas.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Alkíndar de. *O Espírita do Século XXI*. 1. ed. Santo André: EBM, 2001. Cap. 'O dirigente espírita eficiente e o dirigente espírita capaz'.

**3.** Preocupa-se com a união do pessoal do seu centro espírita.

- DIRIGENTE EFICIENTE E EFICAZ -

**1.** Busca irmanar-se com os demais centros espíritas, trocar experiências, aprender junto.

**2.** Divulga o Espiritismo para toda a comunidade (sem proselitismo e com respeito às demais instituições).

**3.** Preocupa-se e trabalha para que haja união fraternal em todo o movimento espírita.

Quando os líderes procuram se renovar e não se perpetuar em cargos, quando acreditam que são apenas mais um trabalhador e não um trabalhador especial, quando compartilham suas ideias para que deixem de ser apenas suas e tomem-se de todos, dando liberdade de ação e estimulando o envolvimento dos demais, fica mais fácil a nossa convivência no centro e no movimento espírita.

Não se exige perfeição dos que lideram, mas se espera que aglutinem pessoas em torno dos nobres ideais que o Espiritismo nos inspira. Que atuem mediando conflitos, harmonizando diferenças e não que ajam, dispersando companheiros, a fim de atuarem sozinhos, fazendo somente o que desejam.

Walter Barcelos<sup>10</sup> afirma que "quem dirige qualquer área de serviço espírita deve enaltecer a tal ponto o sentido de equipe, que não conseguirá jamais reter postos de direção ou de atuação de forma perene, sem oferecer oportunidades aos irmãos de fé".

Finalizamos essas considerações em torno do assunto liderança, recorrendo ainda aos argumentos do companheiro Alkíndar,<sup>11</sup> quando este propõe um plano de ação para o centro espírita evitar a evasão de trabalhadores voluntários. Afirma com muita propriedade que *O problema não está no pessoal (...) a solução está no pessoal*. É uma sutileza de palavras que contém toda uma mudança de visão e de ação.

A solução está nas pessoas e para isso é importante:

**1.** Desenvolver um estilo de liderança eficiente e eficaz.

**1.1.** Criar ambiente de credibilidade, confiança e eficaz comunicação interna.

**1.2.** Mostrar e divulgar a direção a ser seguida pelo centro espírita.

**1.3.** Dar poder e autonomia às pessoas.

**1.4.** Quebrar paradigmas.

**2.** Ter como foco o fato de o centro espírita ser uma escola com objetivo de educar o espírito imortal.

<sup>10</sup> **10** BARCELOS, Walter. *Aprendendo, Amando e Servindo*. **1**.ed. Votuporanga: Didier, **2000**. Cap. 'O espírito de equipe'.

<sup>11</sup> **11** OLIVEIRA, Alkíndar. *O Trabalho Voluntário na Casa Espírita*. L ed. **S2o** Paulo: Petit, **2001**. Cap. 'Plano de ação para o Centro Espírita evitar a evasão dos trabalhadores voluntários.'

3. Passar a difundir a ideia de que trabalhar voluntariamente nas obras espíritas não é obrigação, é realização.

Mais do que uma mudança programática, trata-se de uma mudança paradigmática o que este autor sugere com base em sua prática profissional, doutrinária e nas inúmeras leituras que já fez sobre o tema.

Não custa analisar e vermos a possibilidade de adequar essas ideias em nossos treinamentos e cursos, criarmos experiências-piloto, fazermos "alguns laboratórios" e depois comunicar aos demais companheiros os resultados e conclusões a que chegamos.

Que tal então propormos ou fazermos algumas tentativas na instituição espírita onde estamos colaborando?

## CAPÍTULO 4 A PASSAGEM DO BASTÃO

Vós vos lembrais, senhores: a Sociedade teve as suas vicissitudes; tinha em seu seio elementos de dissolução, vindos da época em que se recrutava gente muito facilmente, e sua existência chegou, em certo momento, a estar comprometida. Naquele momento eu duvidei de sua utilidade real, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Fatigado por essas perplexidades, estava resolvido a retirar-me. Esperava que, uma vez livre dos entraves semeados em meu caminho, trabalharia melhor na grande obra empreendida. Fui dissuadido de o fazer por numerosas comunicações espontâneas, que me foram dadas de vários pontos.

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1862

**A experiência tem nos mostrado que a sucessão de pessoas nos cargos de direção, principalmente de diretoria, não é algo assim tão fácil de ser entendido na realidade de alguns centros espíritas.**

**Há companheiros que acreditam que a felicidade no mundo espiritual está condicionada ao exercício de funções na diretoria do centro espírita. Exercício que, nesta concepção, quanto mais longo, maior quota de paz e alegria trará para o tarefeiro após a desencarnação.**

Existem outros que não conseguem se ver atuando no centro, sem que possuam um cargo, tanto que após uma eleição em que não são reconduzidos a ele, logo se distanciam, afirmando terem cumprido o papel que lhes estava destinado, não restando mais nada a ser feito.

Esse tipo de postura, muitas das vezes, é endossado por companheiros vigilantes que desejando externar simpatia, se declaram surpresos e indignados com o processo sucessório.



Não podemos nos esquecer dos que afirmam querer "passar o bastão", mas não encontram pessoas dispostas a abraçar a tarefa. Sem contar os que reiteram, constantemente, que é muito difícil ser dirigente espírita, pois são muitos problemas a serem resolvidos e, é preciso "muito tempo" disponível para se dedicar à tarefa.

E aqui nos lembramos de Divaldo P. Franco,<sup>12</sup> quando este afirma que: "Cada líder tem os colaboradores que produz. Se ele é um trabalhador que consegue motivar os companheiros, surgem, naturalmente, os colaboradores; se ele é alguém que manda os outros fazerem, fica sempre sozinho. E complementa dizendo que nesses casos, (...) não sequer servir e sim aparecer".<sup>13</sup>

Há também os que se acreditam revestidos de uma "missão" e em hipótese alguma pensam em deixar o cargo ou preparar alguém para exercê-lo. Quando o fazem, deixam claro para o substituto que ele somente assumirá a função, após a desencarnação dele, o dirigente.

Em alguns casos (e aqui não podemos generalizar), a função exercida obedece a um mecanismo psicológico de compensação, ou seja, a ausência de conquista de espaços na vida pessoal e profissional leva a criatura a transferir para o centro o seu processo de auto-afirmação. Até aí nenhum problema, desde que isso ocorra com equilíbrio e os espaços sejam compartilhados de forma fraterna e democrática.

Sabemos que, muitas vezes, o modismo de estar sempre mudando pode comprometer todo um processo de crescimento do centro, pois há situações em que o melhor é que seja mantido o grupo que se encontra à frente das tarefas.

Em outras ocasiões, tendo a possibilidade de se fazer a necessária renovação, nos omitimos ou ficamos com receio de ferir suscetibilidades. O que nos leva a colaborar diretamente para a manutenção de coisas com as quais não concordamos e que, no entendimento de vários trabalhadores, vão contra o que o Espiritismo propõe.

Se a filosofia de trabalho estabelecida for do conhecimento de todos e for também aquela construída e legitimada com a aquiescência da maioria, independente de qualquer revezamento que exista, ela será mantida, repensada e aperfeiçoada pelos novos dirigentes, que não serão outros, senão trabalhadores que já atuam há algum tempo no centro espírita.

Quando um grupo é mantido, há situações em que aqueles que se apresentaram como candidatos e não foram eleitos, se melindram e se afastam.

Não é unicamente "o que fazemos" no campo do bem que nos credencia à felicidade agora ou depois, mas também "o como fazemos". Logo, não serão os

<sup>12</sup> **12** FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de Consciência*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, **1992**. P. **17**.

<sup>13</sup> **13** Idem, *ibidem*. Cap. 'Renovação de dirigentes'.

cargos, mas a forma e o sentimento como nos desincumbimos dos encargos.

À semelhança de uma corrida de revezamento, ora estamos com o bastão, ora estamos sem ele. Mas de uma forma ou de outra estamos juntos na mesma equipe, com tarefas diferentes, mas empenhados na busca dos mesmos objetivos.

Se- o nosso exercício democrático é falho nos centros espíritas, onde temos tudo para fazê-lo pleno, como desejar que ele seja uma realidade nas demais instituições sociais?

Sem a preparação de novos trabalhadores e continua- dores, o centro espírita corre o risco de fechar as suas portas e deixar de cumprir a sua função social.

Os espíritos superiores, na questão **895**, disseram a Allan Kardec que o sinal mais característico da imperfeição é o interesse pessoal, que o apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade e que o desinteresse demonstra que o espírito encara de um ponto mais elevado o futuro.

Se não nos sentimos apegados aos bens do mundo, devemos analisar o grau de apego a nós mesmos, às ideias pessoais das quais não abrimos mão e que temos todo direito de defendê-las, só não temos o direito de impô-las. E o mesmo vale para a relação que estabelecemos com os cargos e encargos que assumimos no centro espírita.

Só nos resta intensificar os nossos estudos doutrinários, lendo, inclusive, obras específicas sobre a gestão do centro espírita, evitando disputas internas, "silenciando melindres, apagando ressentimentos, estimulando o bem e esquecendo omissões no terreno da exigência individual".<sup>14</sup>

## CAPÍTULO 5 ATITUDES ESPÍRITAS

Tendo por objetivo a melhora dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática os ensinamentos dos espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que seriamente quer atingi-la.

Allan Kardec *Revista Espírita* At **1861**

Progredir sempre é a grande necessidade do espírito e do espírita, em particular. Progresso que se dá mediante os inúmeros renascimentos e também nos períodos em que permanecemos na erraticidade.

Desejando progredir e recuperar *o tempo perdido*, muitas vezes abraçamos diversas tarefas no centro e no movimento espírita. Devoramos literalmente as

<sup>14</sup> "XAVIER, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. *Estude e Viva*. 8.ed. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, **1996**. 'O espírita na equipe'.

obras e periódicos espíritas aos quais temos acesso, pois temos ânsia de saber cada vez mais.

O trabalho voluntário, o estudo metódico e a convivência fraterna vão desenvolvendo nossas potencialidades, levando-nos a transitar da confusão para o discernimento, da ignorância para o conhecimento das coisas e de nós mesmos.

Apesar disso, este processo nem sempre ocorre de forma equilibrada. Assumimos tantas tarefas que acabamos comprometendo a vida profissional e a atenção necessária aos familiares. Lemos uma quantidade imensa de livros, retendo e amadurecendo pouco as ideias lidas, tomando-nos espíritas exaltados ou vivendo momentos de exaltação<sup>15</sup>.

Este comportamento decorre, em muitos casos, da observação da postura de alguns companheiros, que dispendo de tempo, acabam estando com mais frequência no centro espírita. Isso por terem já se aposentado, possuírem uma vida profissional e familiar organizada ou mesmo por sentirem necessidade deste tipo de envolvimento.

O fato é que não há um padrão ou modelo a ser seguido em relação à frequência, número de horas, quantidade ou espécie de tarefas que devemos abraçar. Cada qual traça para si o que é prioritário, devendo, naturalmente, observar os critérios que cada casa espírita estabelece para a colaboração neste ou naquele setor.

Precisamos ter cuidado para não exigir dos outros o mesmo grau de envolvimento que possuímos, nem deixar de estimular os que nos cercam a um envolvimento crescente, consciente e maduro, respeitando sempre o livre-arbítrio de cada um.

Nesse sentido, o que mais importa não é a quantidade de coisas que fazemos, mas os sentimentos que nos animam nas pequenas e possíveis tarefas abraçadas.

Quanto às leituras que procuramos fazer, buscando atualizar-nos, vale ressaltar o quanto é difícil ler tudo o que se publica sob o rótulo de Espiritismo. A isso se opõe o tempo e o poder aquisitivo. Há também o fato das bibliotecas existentes em nossos centros, nem sempre priorizarem a aquisição de pelo menos um exemplar das novas obras ou periódicos que circulam em nosso meio.

Apesar disso, há companheiros que se cobram esta permanente atualização, fazendo com que a ansiedade, que tanto estudamos e identificamos fora dos arraiais espíritas, acabe por nos contagiar dentro dele.

E certo que a leitura e o estudo são um traço marcante no espírita dedicado, mas precisamos tomar cuidado com a neurose de informação. Ela ocorre quando não nos conformamos com o fato de ainda não saber o que todos sabem, de não termos lido o último livro que tal médium recebeu, não termos ainda sequer folheado a obra citada pelo expositor.

<sup>15</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 15. ed. São Paulo: LAKE, 1989. Cap. 'Método'.

Junto ou separado da ansiedade e da neurose de informação, há também o fenômeno da compulsão.

Compramos compulsivamente tantos livros, que só em duas reencarnações conseguiríamos lê-los (e talvez ainda seja pouco). Eles ficam parados em nossas estantes sem que sejam lidos, emprestados ou dados de presente a alguém. E quando visitados, nos orgulhamos de apresentar o vasto acervo, assemelhando-nos ao agricultor que se considera rico por ter um celeiro abarrotado de sementes, sem tê-las semeado.

Diz André Luiz<sup>16</sup> que devemos: "Oferecer obras doutrinárias aos amigos, inclusive as que jazem mofando sem maior aplicação dentro de casa (...)"

Outro comportamento bastante comum, e muitas das vezes inconsciente, é o desejo de alguns expositores de falar no centro "X" ou em eventos tradicionais, porque para eles são sempre convidados companheiros que de alguma forma se destacam no movimento espírita. Ser lembrado para participar deles equivale a um reconhecimento pelos esforços que se tem empreendido, uma espécie de consagração do seu trabalho e um passaporte para novos, distantes e importantes eventos.

Ninguém deve recusar convites ao trabalho, nem demonstrar falsa modéstia, mas cada um deve se perguntar se o seu objetivo é divulgar o Espiritismo ou divulgar-se, apresentar a Doutrina Espírita ou apresentar-se, se deseja apagar-se para que o Cristo resplandeça ou no fundo procura chamar para si a atenção dos demais.

Quando o espírito de serviço, a dedicação à causa por meio do estudo e da transformação moral é o nosso verdadeiro móvel, os espaços e convites vão ocorrendo de forma natural, a própria espiritualidade se encarrega de inspirar-nos, justamente por saber como somos, o que pretendemos e o que o produto da nossa atuação representará para um determinado grupo ou coletividade.

A esta atuação despreziosa e modesta se opõe o "carreirismo", ou seja, o desejo de fazer uma carreira no movimento espírita, assim como se faz numa empresa, universidade ou nas forças armadas.

Este fenômeno ocorre quando o trabalhador que atua num departamento ou setor tem como alvo maior a sua direção. Depois disso passa a almejar a presidência do centro e como presidente do centro aspira liderar o movimento da região. O mesmo ocorre em relação aos expositores que desejam vencer os limites geográficos do lugar onde atuam, dos médiuns que gostariam de receber espíritos da mais alta hierarquia espiritual ou psicografar um número específico de livros.

Entendemos que muitos tarefeiros reencarnaram com missões de irem mais

<sup>16</sup> VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita*. 21. ed. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 'Perante o livro'.



adiante, desenvolvendo uma tarefa de grande envergadura, possuindo projeção no movimento espírita e assumindo importantes lideranças, mas não nos parece que estejam mais preocupados com isso do que com o trabalho em si.

A sociedade valoriza os títulos, as viagens e experiências internacionais, o currículo da pessoa. O Espiritismo e a espiritualidade amiga preocupam-se com o ser humano, com o desenvolvimento das suas potencialidades, o seu crescimento interior. E isso não impede que alguém se destaque e alcance certa visibilidade no movimento espírita.

Devemos estar atentos para não entronizar, como indicador de êxito, o fato de sermos mais ou menos conhecidos no movimento.

*A quantidade de bem que alguém faça tem seu Valor, mas o fundamental é a qualidade do bem. É o "como eu faço" e depois o "quanto eu faço". Não se trata de fazer muito, mas se fazer sempre que possível, tal como nos disseram os espíritos:*

Não há quem não possa fazer o bem: somente o egoísta jamais encontra oportunidade de praticá-lo. Basta estar em contato com outros homens para encontrar oportunidade de fazer o bem, e todos os dias da vida oferecem a possibilidade a todo aquele que não estiver cego pelo egoísmo; porque fazer o bem não é apenas ser caridoso, é ser útil na medida do possível, todas as vezes que vosso auxílio puder ser necessário.<sup>17</sup>

O indicador espírita é principalmente qualitativo e não quantitativo.

Nossas aquisições espirituais não são medidas tanto pelo número de palestras feitas, livros escritos, receitas recebidas, anos à frente de uma tarefa, congressos dos quais participamos, etc. Tais indicadores possuem uma importância relativa, que cresce na medida em que fazemos tudo isso com amor, sem desejo de destaque. Mesmo porque, podemos entrar num processo de rotina e fazer muita coisa de forma automática, mecânica, sem o tempero dos nossos melhores sentimentos.

Estes comportamentos aqui analisados, marcados pela ansiedade, pela neurose, pela compulsão, pelo desejo de destaque e pelo carreirismo são fenômenos que evitamos ou administramos melhor, quando fazemos uma auto avaliação sincera.

Precisamos progredir, é verdade, mas devemos fazê-lo com simplicidade, com desapego, recusando o poder que domina, exalta a vaidade e o individualismo, para abraçar aquele que liberta e destaca o espírito coletivo.

Que ninguém recuse as tarefas para as quais possui aptidão, nem tão-pouco se sinta melindrado por não ter sido lembrado para ocupar uma função que tanto desejava.

Chico Xavier<sup>18</sup> afirmou que "rico é aquele que tem mais amor no coração dos

<sup>17</sup> **17** KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. **1**. ed. Rio de Janeiro: Léon Denis - Gráfica e Editora. Pergunta **643**.

<sup>18</sup> " BACCELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. **1**. ed. Votuporanga: Didier,

semelhantes”.

Que a posse deste magnífico e imperecível tesouro (o amor dos outros) nos emule a trabalhar sem dissimulações, vaidades, recalques em relação ao destaque alheio, assumindo as próprias limitações, trabalhando para superá-las, sempre em busca de novos e preciosos espaços no coração das pessoas.

## CAPÍTULO 6 QUEM SÃO OS ESPÍRITAS?

A grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre as ignorantes. Por toda parte o Espiritismo se propagou de alto a baixo da escala social, e em parte alguma se desenvolveu primeiro nas camadas inferiores.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1869**

Numa análise psicológica dos vários tipos de espíritas e das características marcantes do comportamento de cada um deles, Allan Kardec nos apresenta em *O Livro dos Médiuns*, cinco categorias que ele descreve como sendo as seguintes: **1\***) espíritas sem o saber; **2\***) espíritas experimentadores; **3\***) espíritas imperfeitos; **4<sup>1</sup>)** espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas e **5\***) espíritas exaltados.<sup>19</sup>

Os espíritas sem o saber são aqueles que, sem jamais terem ouvido falar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos seus grandes princípios (...) e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem; os que ouvem; que eles são completamente iniciados.

Os espíritas experimentadores são: os que crêem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo é apenas um ciência de observação (...)

Os espíritas imperfeitos vêem mais do que os fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhe exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. (...)

Os espíritas cristãos são os que não se contentam em admirar apenas a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas consequências (...) A caridade é sempre a sua regra de conduta.

Os espíritas exaltados são os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos dele. Graças à sua boa-fé são iludidos, assim, por espíritos mistificadores, como por homens que

**2000. P. 149.**

<sup>19</sup> **KARDEC**, Allan. *O Livro dos Médiuns*. **55**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1999**. Cap. 'Método'.

procuram explorar-lhes a credulidade.

Allan Kardec se refere ainda a outras categorias, tais como os espíritas de contrabando, que ele cita em *Obras Póstumas*, ao final da primeira parte, no capítulo intitulado 'Os desertores'. Esta categoria muito comum nos primórdios do movimento espírita, segundo palavras do Codificador, era formada por aqueles que se imiscuíam nos grupos espíritas a fim de espalhar "(...) o veneno da calúnia, lançar aí o facho da discórdia, inspirar atos comprometedores, tentar desencaminhar a Doutrina para tomá-la ridícula ou odiosa Além disso, "pregavam a união semeando a divisão e excitavam ciúme de preponderância entre os diferentes centros". Tiveram sua utilidade ao ensinar ao verdadeiro espírita a prudência e a circunspeção.

Cita também, em *Viagem Espírita de 1862*, os espíritas de coração e os espíritas praticantes, categorias que são uma variante do espírita cristão, uma maneira diferente de se referir aos que sinceramente buscam a própria transformação em serviço ativo aos semelhantes, dentro e fora do centro espírita.

Numa abordagem recente, Divaldo Franco cita uma nova categoria, os espíritas de gabinete,<sup>20</sup> que segundo sua conceituação, seriam aqueles que estudando o Espiritismo em seus gabinetes e, via de regra de forma isolada, chegam a conclusões muito pessoais e em contradição com a própria doutrina que estudam. São interpretações que não passam pelo crivo da universalidade dos ensinamentos, explicada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e consagrada em toda a Codificação.

Essa universalidade é o crivo indispensável que precisamos usar diante de revelações e inovações que surjam em nosso meio. Ela não é um critério fechado, que advoga a inércia e o atraso, ao contrário, é a própria condição do avanço, da renovação e do progresso.

Mas esse sentido de progresso só ocorre quando há respeito às diferenças e recusa a qualquer tipo de disputa, quando apagamo-nos para que o conjunto se sobressaia.

E natural que alguns companheiros se dediquem ao estudo e à pesquisa dos fenômenos espíritas, desde que não olvidem os imperativos da própria renovação. O Espiritismo prático não deve ser entronizado em detrimento da prática do Espiritismo com Jesus, como afirmou o Espírito Veneranda.<sup>21</sup>

Precisamos de entusiasmo, ousadia e qualidade na divulgação dos postulados espíritas, mas é o próprio Codificador que nos alerta para os "entusiasmos de ocasião, dos ardores demasiados febris, que são quase sempre fogos de palha".

O verdadeiro espírita é alguém que reconhece a importância dos fenômenos,

<sup>20</sup> FRANCO, Divaldo. *Conversa Fraterna* - Divaldo Franco no Conselho Federativo Nacional. Brasília: FEB, 2001, p. 52.

<sup>21</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1987. Cap. 'Palavras de Monteiro'.

sabe o quanto a força do entusiasmo equilibrado pode realizar, admite suas imperfeições, mas não se acomoda com elas, substituindo-as paulatinamente pelas qualidades que vai desenvolvendo. É alguém que não sendo totalmente bom, luta para ser melhor a cada dia.

Essas categorias elaboradas por Allan Kardec refletem a heterogeneidade do nosso movimento, o quanto ele é plural. E conviver com tais diferenças não é algo assim tão fácil, pois exige uma inteligência interpessoal, uma certa sensibilidade que nem todos possuem desenvolvida.

Quando alguém procura ser conciliador é logo rotulado de "sem posição", "em cima do muro", "quer ficar bem com todos", etc. Quando expõem seus pontos de vista com firmeza e objetividade "é racional demais" ou "não tem sensibilidade". Quando estuda muito "é metido a intelectual". Quando parece estudar pouco "é alguém sem qualquer conhecimento", logo, "não tem autoridade para abordar tal assunto". Se for idoso "o tempo dele já passou," "está quase desencarnando" e se é muito novo "quem ele pensa que é? Mal chegou e já quer opinar sobre tudo". Se procura se vestir bem é vaidoso, quando se veste com simplicidade é desleixado. Se trabalha muito e não dispõe de mais tempo para o centro está sob processo obsessivo e quando trabalha com afinco em algumas frentes existentes na instituição "quer aparecer" ou "ganhar o reino dos céus" '.

O fato de apontarmos problemas existentes em nosso movimento e no dia-a-dia dos nossos centros não significa que estejamos nos detendo mais nos aspectos negativos e desconsiderando os avanços e as conquistas já realizadas. O fazemos, porque entendemos que certas questões precisam ser pensadas, avaliadas, a fim de que a qualidade da Doutrina esteja permanentemente presente nas nossas iniciativas e relações.

Entendemos que tudo isso é processual, leva tempo e não somos daqueles que esperam mudanças radicais, mesmo porque sabemos o quanto o processo de despertar e consolidação de uma qualidade exige perseverança e esforço.

No livro *Árdua Ascensão*, o Espírito Victor Hugo<sup>22</sup> afirma que "onde se encontra o homem, aí se fazem presentes as suas paixões" e que a construção de uma nova mentalidade em nosso meio, voltada para a solidariedade e o amor é um grande desafio.

Ainda mais, se for examinado que muitos dos modernos trabalhadores da seara espírita são antigas personagens comprometidas com facções religiosas beligerantes, bem como partidos políticos exaltados, ora aprendendo disciplina e submissão, transferidas das posições relevantes para as de serviço, que o mergulho no corpo não pôde obnubilizar completamente as anteriores impressões que lhes caracterizavam antes a conduta (grifos nossos).

<sup>22</sup> | FRANCO, Divaldo Pereira. *Árdua Ascensão*. 1. ed. Pelo Espírito Victor Hugo. Alvorada: Salvador, 1985. Cap. 'O porquê do Espiritismo no Brasil'.



Há também uma narrativa feita por Chico Xavier, sobre um encontro que ele teve com Yvonne Pereira, no Rio de Janeiro, quando este lhe indaga sobre a opinião dos espíritos com os quais ela trabalhava, a respeito das atitudes pouco fraternas dos espíritas.

Dona Yvonne<sup>23</sup> então responde:

(...) que o Dr. Bezerra de Menezes conversava muito com ela a respeito do assunto e que, embora demonstrasse preocupação, dizia que os espíritas estavam fazendo o que podiam fazer, de vez que a maioria deles era delinquente, espíritos que haviam caído nas vidas anteriores pelos abusos da inteligência ou pelo excesso de personalismo (...)

Essas colocações se por um lado podem nos entristecer e nos preocupar, por outro, devem nos estimular uma reflexão sobre o que temos feito ou deixado de fazer nas relações que estabelecemos uns com os outros. Relações que não se dão apenas no que verbalizamos, mas também pelos pensamentos que emitimos e recebemos.

Infelizmente na vida em grupo, há companheiros que não aceitam ser contrariados e quando percebem que as suas ideias não são aceitas pela maioria, resolvem se afastar, buscando novas afinidades em outros lugares. A liberdade de pensar e de agir nos dá esse direito, porém, é lamentável quando alguém se afasta depreciando os irmãos ou permanecendo na tarefa, a faça com total indiferença pelos rumos que as atividades tomaram.

Precisamos nos querer bem, colocando em nossa própria cabeça os chapéus que nos habituamos a colocar sobre as cabeças alheias. Reconhecer nossas limitações já não é o bastante, é fundamental trabalhar-nos a fim de superá-las, respeitando aqueles que caminham ao nosso lado e os que estão trilhando outros caminhos.

Lembramos uma vez mais de Chico Xavier, deixando que as suas palavras encerrem as reflexões deste capítulo:

Estamos, todos, muito longe de ser aquilo que precisamos ser. Os espíritas devem constituir uma única e mesma família, respeitando os que pensam e os que não pensam conforme pensam."<sup>24</sup>

<sup>23</sup> BACCELLI, Carlos A. *Chico e Emmanuel*. Votuporanga: Didier, 1996. P. 90e91.

<sup>24</sup> BACCELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. 1 .ed. Votuporanga: Didier, 2000. P. 97.

# CAPÍTULO 7 PERGUNTAS QUE O CENTRO ESPÍRITA NOS FAZ

(...) Procurai no Espiritismo aquilo que vos pode melhorar. Eis o essencial.

Trabalhando pelo progresso moral, lançareis os verdadeiros e mais sólidos fundamentos de todas as me- Ithoras.f...)<sup>25</sup>

AHan Kardec

No livro *Dramas da Obsessão*, psicografado pela médium Yvonne Pereira, o Espírito Bezerra de Menezes<sup>26</sup> afirma existirem centros espíritas que se assemelham mais a clubes, citando, inclusive, as características que os distanciam da condição de templos religiosos e escolas de aprimoramento do espírito imortal.

Ao mesmo tempo em que nos alerta quanto às distorções que podem ocorrer no cotidiano dos nossos centros, ressalta que cada templo espírita tem sua ambiência específica. Esta ambiência, nós sabemos, resulta dos pensamentos emitidos, do tônus mental e emocional de encarnados e desencarnados que atuam em suas dependências.

Isso nos faz pensar que cada centro espírita tem suas próprias características, muitas delas comuns e outras diferentes em relação aos demais. Isso se dá, entre outras coisas, pelos objetivos dos fundadores, as prioridades estabelecidas pelos dirigentes, a região onde está situado e pelo que se estuda em suas reuniões.

Num exercício imaginativo, admitamos que o centro espírita em que atuamos tenha vida própria, exatamente como nos desenhos animados ou filmes de ficção. Ele por certo externaria suas preocupações, alegrias e decepções. É possível que num dado instante ele nos dirigisse algumas perguntas, procurando sensibilizar-nos, levando-nos a refletir sobre coisas para as quais nem sempre damos muita importância. Provavelmente perguntaria:

1. Você tem conseguido vir aqui com mais assiduidade?
2. Você tem criticado menos os que trabalham e se apresentado mais para o serviço?
3. Para colaborar ou prosseguir colaborando, você faz questão de cargos?

<sup>25</sup> Trecho da mensagem de Ano Novo dos Espíritas Lioneses. *Revista Espírita*, fevereiro de 1862.

<sup>26</sup> PEREIRA, Yvonne A. *Dramas da Obsessão*. 8.ed. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. 'Conclusão'.

**4.** O Espiritismo não exige santidade de ninguém, mas pelo menos aqui você tem procurado educar seus pensamentos e impulsos, sem perder a espontaneidade e sem deixar de ser você mesmo?

**5.** Você tem procurado se aproximar mais daqueles que aqui estão e que considera sejam frios, distantes, antipáticos, vaidosos, centralizadores, procurando conhecê-los melhor?

**6.** Além de um hospital e de uma escola, você já percebe que sou também uma oficina de trabalho e que existe algo que você pode fazer por aqui?

**7.** Estou sempre com as portas abertas para recebê-lo, mas gostaria de saber por que você me procura. Obrigação? Prazer? Dedicção? Necessidade? Dependência? Desencargo de consciência? Amor?

**8.** Você tem permitido aos companheiros e companheiras espíritas conhecê-lo melhor? Tem priorizado suas relações ou apenas o trabalho?

**9.** Você imagina quanto custa por mês manter-me funcionando?

**10.** Tenho dado de mim o que posso para oferecer-lhe um mínimo de conforto, um espaço de trabalho, estudo, confraternização e crescimento. Você tem percebido e valorizado o que lhe ofereço.

**11.** Você tem aberto espaço para outros se revezarem com você nas funções que ocupa ou é mais um a alegar a ausência de colaboradores, sem preparar com alegria e desapego os que estão à sua volta e que por timidez ainda não se candidataram ao trabalho?

**12.** Quando você vai a um outro centro procura observar as coisas boas para incorporar à minha rotina ou percebe apenas os erros, dando graças a Deus por eles não existirem por aqui?

**13.** Você colabora quando pode ou é daqueles que abandonam o lar, esquecendo-se dos compromissos familiares assumidos para se refugiar em minhas dependências?

**14.** Quando alguém se afasta de mim, você tenta entender as razões, ou censura e lamenta, sem procurar saber os motivos reais que levaram a pessoa a se ausentar?

**15.** Você consegue perceber que eu não tenho que ser igual a nenhum outro centro e que nenhum outro tem de ser igual a mim? Já entende que podemos ser diferentes em alguns aspectos, embora sigamos as mesmas diretrizes que estão na codificação espírita?

Responder com sinceridade a essas perguntas pode nos ajudar a nos situar melhor em nossa relação com o centro espírita onde atuamos. Embora se diga que é fácil ser espírita dentro do centro e que fora dele é que os testemunhos são importantes, entendemos que nele existem desafios que se renovam e que se forem gradativamente enfrentados e vencidos, mais facilmente lidaremos com aqueles que se apresentam na vida social. Eis alguns desses desafios:

- o de ser democrático sem ser permissivo;

- ser sincero sem ferir deliberadamente os sentimentos dos outros;
- falar para as pessoas e não das pessoas;
- conviver com as diferenças;
- não pensar apenas na boa execução da própria tarefa, mas colaborar, dentro do possível, para que outros companheiros encontrem êxito e satisfação no que fazem;
  - aceitar cargos e encargos, a fim de não sobrecarregar os outros, sabendo o quanto é difícil agradar a todos;
- aprender a aceitar críticas;
  - reconhecer o valor dos companheiros;
  - aceitar a colaboração e direção alheia sem se sentir diminuído.

Cada instituição social possui uma cultura que lhe é própria, que a caracterize diante das demais e que nos permita compreender, porque funciona dessa ou daquela maneira. O centro espírita, por não ser um templo religioso tradicional, tem aspectos distintos dos templos das demais religiões. Isto percebemos não apenas na arquitetura, mas principalmente na aplicação dos princípios doutrinários no seu cotidiano.

Apesar disso, encontramos aqueles que se assemelham e muito a uma igreja católica ou evangélica, a um terreiro de umbanda ou a um espaço esotérico, graças aos atavismos principalmente de alguns líderes espíritas, que interpretando a codificação de forma muito pessoal, justificam tais procedimentos baseados naquilo que julgam tenha sido dito por Allan Kardec.

Ao analisar as características dos centros espíritas, o confrade César Perri<sup>27</sup> chegou a uma classificação de dez tipos de centros, baseada nas suas observações e vivências. Iremos reproduzi-la a seguir, condensando-a e correndo o risco de mutilar ou simplificar demais o pensamento do companheiro. Os que desejarem tê-la na íntegra bastará consultarem o seu belo livro.

#### — TIPO PERSONALISTA —

Sociedade centrada na pessoa do dirigente/ médium, onde dificilmente há renovação na liderança, havendo, inclusive, dificuldades na constituição de equipes.

#### - TIPO CURADOR -

O foco é o atendimento a pessoas necessitadas de "cura". Há pouco ou quase nada de informação doutrinária.

- TIPO IGREJA TRADICIONAL - O ambiente é frio, as reuniões são rotineiras e não há estímulo à criação de vínculos do frequentador com a instituição.

#### — TIPO SALVACIONISTA —

Predomina um ambiente pseudo-evangélico, marcado por muita ingenuidade. Há

<sup>27</sup> **CARVALHO**, Antonio César Perri de. *Espiritismo e Modernidade*. 1.ed. São Paulo: USE, **1996**. Cap. 'Características dos centros'.

preocupação de doação para os carentes e para nesse tipo de centro uma atmosfera de missio- narismo.

— TIPO ORÁCULO —

Há valorização exclusiva das consultas e de opinião de mentores espirituais, o estudo é acessório e o exercício da mediunidade é a atividade principal.

— TIPO REPARTIÇÃO PÚBLICA —

Neste tipo de centro há convênio de toda a espécie, as pessoas especializam-se em apresentar propostas, realizar relatórios e prestar contas.

— TIPO LINHA AUXILIAR DE GOVERNOS - Desejando atender o próximo, o centro se atrela aos poderes políticos constituídos, ficando como uma espécie de "braço ou ramificação" destes. Isso se torna ruim, quando a direção perde a autonomia, ficando submetida às diretrizes do poder público e não às diretrizes espíritas.

- TIPO ASSISTENCIAL -

Entidade fundada com o objetivo de fazer assistência social, especificamente com crianças órfãs. A ausência de base doutrinária dificulta a formação de equipes e a solução encontrada foi a criação de um centro espírita para gerir a obra.

— TIPO DOUTRINÁRIO -

Centro que procura introduzir curso de orientação e educação da mediunidade e curso básico de Espiritismo, como etapa preliminar para a introdução de companheiros em reuniões mediúnicas. Nesses núcleos, há formação de equipes e expansão no número de frequentadores do centro.

— TIPO ESCOLA/ASSISTÊNCIA —

Neste tipo há implantação de curso básico de Espiritismo e, sucessivamente, de cursos sobre cada obra de Kardec e autores clássicos do Espiritismo. Com o crescimento da procura por cursos e integração dos frequentadores nos trabalhos assistenciais, o centro amplia sua integração com a comunidade onde se localiza.

O fato é que um centro espírita representa um investimento conjunto de encarnados e desencarnados, visando divulgar o Espiritismo e criar um ambiente onde a igualdade, a liberdade e a fraternidade possam ser vividas sob a inspiração do Evangelho de Jesus.

Pense nas perguntas que diariamente o Centro Espírita que você frequenta lhe faz. Antecipe-se a elas, perguntando-se, sobre o envolvimento que já é capaz de ter.

Observe o comportamento alheio, mas não copie ninguém, verifique a sua disponibilidade e em que medida deseja se envolver. Decidido a fazer a sua parte, faça-a da melhor maneira, mas não se esqueça de que outros desejam ajudá-lo e outros precisam da sua ajuda, experiência e estímulo, a fim de produzirem não apenas mais, mas sobretudo melhor.



# CAPÍTULO 8 RESOLVENDO SITUAÇÕES-PROBLEMA

O Espiritismo é uma Ciência imensa como bem sabeis, e cuja experiência não se adquire senão com o tempo, aliás como em todas as coisas. Essa pretensão de não mais necessitar de conselhos, e de se julgar acima de todos, é uma prova de insuficiência, pois foge a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1861**

Veza por outra nos defrontamos com situações inesperadas no centro espírita que frequentamos. Situações pelas quais nunca passamos e que exigem muito tato e bom senso, a fim de que a nossa postura reflita a coerência e o equilíbrio da doutrina que nos inspira.

Se tivermos o hábito saudável de ler periódicos espíritas e participar dos encontros promovidos em nosso movimento, através das experiências que são relatadas, descobriremos como pensam e agem os nossos companheiros de ideal.

Se estudarmos as obras espíritas, perceberemos como pensam e agem os espíritos esclarecidos em situações similares.

Se procurarmos estar sempre em boa sintonia, ainda que nos faltem experiências nas quais possamos nos basear, a inspiração chegará em nosso socorro, para que atendamos, de maneira adequada e espírita, a quem nos procura.

Sem um serviço eficiente e eficaz de recepção e atendimento fraterno, dificilmente um centro espírita conseguirá se antecipar a certos problemas ou mesmo saná-los, quando estes se apresentem. É preciso investir em treinamento, em leitura específica sobre o tema, promovendo encontros para troca de experiências entre os grupos espíritas. Isto se quisermos alcançar o êxito desejado em nossas tarefas.

Em tomo deste tema, Walter Barcelos, espírita mineiro, afirma:

Quem chega à casa espírita, pedindo apoio, não é mais um elemento, nem mais um adepto, nem mais um paciente, nem mais um doente, nem mais um cliente, nem mais um contribuinte financeiro, nem mais uma pessoa pobre: é especialmente e acima de tudo, um irmão que Jesus enviou aos nossos corações, esperando a migalha de amor (...) <sup>28</sup>

Baseado em experiências que vivenciamos e em fatos que nos foram relatados por alguns companheiros, propomos algumas situações-problema que já estudamos

<sup>28</sup> <sup>a</sup> BARCELOS, Walter. *Aprendendo, Amando e Servindo*. **1**.ed. Votuporanga: Didier, **2000**.

em encontros promovidos pelo centro espírita que frequentamos.

**1.** Você está colaborando na recepção no dia da reunião pública. Um homem nitidamente alcoolizado se aproxima, gesticula muito, fala coisas desconexas, mas diz que vai entrar no salão e assistir à reunião. O que você faz?

Uma companheira nossa, muito bem humorada, disse que lhe daria um suco de abacaxi, que é excelente para esses momentos. Confesso que fiquei pensando onde ela arrumaria um abacaxi assim tão rápido e um liquidificador para fazer o suco. Também fiquei imaginando, leigo como sou, nas reais propriedades do abacaxi, pois sempre soube que ele é diurético e que sendo uma fruta ácida, facilita a digestão. Sendo diurético... entendo que ele nos traria um novo problema com o homem alcoolizado, aumentando nosso trabalho. Houve quem sugerisse um café e até um banho frio.

Brincadeiras à parte, muitas vezes a pessoa entra, senta e começa a dormir. Seja por que relaxou, seja pela ação dos espíritos amigos ou por ambos os fatores. Mas, se ao contrário, começa a falar alto e a perturbar a reunião, aí é preciso agir no sentido de retirá-la do salão, conduzindo-a para um outro ambiente do centro espírita.

O ideal é que em sua chegada os companheiros conduzam-na a uma sala, a fim de acalmá-la e ouvi-la, caso ainda tenha um mínimo de lucidez. Que se lhe aplique um passe, deixando-a dormir um pouco. E quando se tratar de pessoa conhecida, pode inclusive se ver a possibilidade de conduzi-la até a sua casa.

É importante não perder de vista que se há espíritos induzindo-a a beber, existem outros que lhe inspiraram a se dirigir ao centro. Portanto, se os espíritos amigos trouxeram-na ao centro é porque confiaram que os encarnados poderiam fazer algo por esse homem. Não podemos nos esquivar de dar-lhe algo, ainda que as suas possibilidades de receber sejam reduzidas.

**2.** Um(a) jovem homossexual vem visitar a mocidade e encontra um clima muito acolhedor, tanto que resolve passar a freqüentar as reuniões. O que você que é dirigente da mocidade faz? E se você é pai ou mãe de um dos jovens que freqüentam a reunião, que procedimento você toma?

É muito importante que qualquer jovem, que chegue para participar da reunião da mocidade, seja também recebido por alguém que possa entrevistá-lo, saber quais são as suas expectativas, o que lhe motivou a procurar o centro, qual o seu conhecimento doutrinário, não para dissecar a vida de ninguém, mas justamente para melhor atender esse alguém, seja dando-lhe alguns esclarecimentos iniciais, seja localizando-o neste ou naquele ciclo de estudos. É bem possível que a pessoa até se abra e relate suas dificuldades.

No caso específico de alguém que tenha características homossexuais ou se declare homossexual, se veio ao centro é porque alguma coisa lhe motivou, nem que seja apenas uma curiosidade. Logo, qualquer pessoa, independente da condição social, econômica e mesmo sexual, deve ser acolhida. Ao constatarmos sua

situação não deveremos programar um tema específico sobre homossexualidade, a não ser que na sequência natural este seja o assunto a ser abordado e "coincidentalmente" a pessoa tenha chegado, ao que tudo indica, justamente para ouvi-lo.

Há um comentário de Chico Xavier que vale a pena reproduzirmos neste espaço.

Quando olho para uma pessoa, não estou olhando para a sua condição sexual, estou olhando para alguém que me cabe respeitar, seja qual for a sua opção em matéria de sexo.<sup>29</sup>

O centro espírita é a casa de Jesus, nela todos são bem-vindos, mas é preciso salientar que a casa de Jesus tem também suas normas e adequar-se a elas é importante, tanto da parte de quem a frequenta regularmente, quanto da parte de quem chega para conhecê-la.

Quanto aos pais, se são espíritas, que fiquem tranquilos e orientem seus filhos a agir de forma cristã, isto é, com naturalidade, sem uma postura especial direcionada para esta pessoa. Se não são, entendam que o Espiritismo não é uma doutrina de exclusão, mas de inclusão, pois todos somos espíritos imortais, filhos do mesmo Pai, portanto, irmãos uns dos outros.

Se, apesar disso, resolverem proibir seus filhos, estarão dando um péssimo exemplo, pois no trabalho, na escola, nas festas e nos ambientes públicos, em geral, sempre estaremos convivendo com a diversidade humana e no centro espírita, que é como uma instituição social, não poderia ser diferente.

**3.** Um casal chega ao centro espírita com seu filho pequeno para assistir | reunião pública. A criança fala o tempo todo, chama a atenção das pessoas e passeia pelo salão durante os estudos. Qual a sua atitude?

Cabe ao serviço de recepção orientar os pais logo na chegada. Muitos centros possuem, no horário da reunião pública, as aulas de evangelização, onde há espaço para a criança fazer tudo o que é apropriado a sua faixa etária, recebendo as orientações evangélicas à luz do Espiritismo.

Quando não há, pode-se pedir aos pais que se localizem nas cadeiras mais próximas da porta de entrada, de modo que a criança querendo ir ao banheiro, tomar água, trocar uma fralda ou mesmo andar, possa fazê-lo fora do salão de reuniões. Do contrário, será difícil manter a concentração dos próprios pais e das pessoas que vieram para assistir aos estudos e receber os passes.

De maneira geral, na impossibilidade de deixar as crianças com alguém, em casa, cabe aos pais orientarem seus filhos, quanto ao comportamento adequado. Lembrando que deve ser bem tedioso, para uma criança, ficar ouvindo um adulto falar sobre coisas que ela não entende, sendo obrigada a ficar sentada e quieta, durante um bom tempo.

<sup>29</sup> **BACCELLI**, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*, 1.ed. Votuporanga: Didier, **2000**.

**4.** Há no centro espírita um departamento onde as coisas não funcionam bem. As pessoas que o dirigem são dedicadas, porém, refratárias a qualquer tipo de mudança e renovação. Sendo diretor do centro ou trabalhador deste departamento, o que você faz?

O centro espírita, que não estimula a criação de uma cultura avaliativa entre os seus trabalhadores, está fadado a estagnar, a perder seus frequentadores, que identificando atrasos, proibições e personalismos, irão buscar acolhida em outros lugares.

Afirma Ildefonso de Espírito Santo<sup>30</sup> que: *É necessário repensar a CASA ESPÍRITA.*

Desde a sua estrutura, objetivos, até a qualidade dos benefícios que presta, passando pela forma como é administrada, as estratégias, as ações, os resultados.

O aperfeiçoamento ocorre quando promovemos estudos e cursos que oxigenam as atividades do centro. É preciso também que criemos um ambiente onde todos nos sintamos à vontade para externar nossas alegrias e descontentamentos de maneira fraterna. Tudo isso num clima onde um possa desejar o crescimento do outro, sem intenções ocultas e sentimentos dissimulados.

Se ao instituímos práticas que levem o grupo a refletir, alguns se afastarem melindrados, lamentaremos, mas nem por isso deixaremos de trabalhar para o bom funcionamento da instituição. Se tais companheiros julgarem-se insubstituíveis, então estarão se colocando acima do próprio Codificador que não era absolutamente imprescindível à codificação do Espiritismo, embora fosse o espírito mais bem preparado para esta tarefa.

**5.** Uma pessoa generosa faz várias doações de roupas, calçados e alimentos, no entanto, se sente no direito de dizer como e quando as coisas serão distribuídas. Você concorda com isso?

Alguém que proceda dessa maneira deverá procurar então um outro lugar para fazer as suas doações, porque os dirigentes do Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita não podem abrir mão dos seus critérios nem da autonomia na gestão do setor que dirigem. E afinal, esta pessoa quer mesmo ajudar ou aparecer?

**6.** Por meio de várias atividades o centro conseguiu acumular uma soma considerável em dinheiro. Um grupo defende a compra de mais cestas básicas para os assistidos, outro defende a compra de materiais didáticos para os estudos da infância, mocidade e também dos adultos e um terceiro, considera que o melhor é aplicar o dinheiro. Qual a sua opinião?

Tudo dependerá do quadro atual de cada departamento, do planejamento existente e das prioridades que este centro estabeleceu.

<sup>30</sup> SANTO, Ildefonso do Espírito. *Repensando o Movimento Espírita no Brasil*, l.ed. SSo Paulo: Mnêmio Túlio, 1999. Cap. 'Reparar o movimento espírita'.

Mais cestas básicas fará apenas com que mais pessoas possam comer ou comam durante um período de tempo maior. Não é admissível que este departamento, conhecendo as reais necessidades das famílias que assiste, priorize apenas mais comida, quando há outras formas de atendimento que são vitais para que a promoção se faça e a dependência diminua.

O material didático é fundamental, quando o centro espírita prioriza a educação e se reconhece como uma instância educativa do espírito imortal. Porém, não há como priorizar apenas livros e materiais, quando existem nos outros departamentos necessidades mais urgentes.

Considerando que a grande maioria das instituições espíritas não movimenta grandes somas, que aplicações financeiras demandam tempo e que os rendimentos não são tão compensadores, aplicar o dinheiro não resolverá as necessidades imediatas que o centro possui. E certo que os bons administradores possuem talento para multiplicar recursos, mas será esse o melhor caminho? Não existirão outras formas de investimento que possibilitem ao centro dar conta das suas necessidades e ao mesmo tempo viabilizar seus projetos?

**7.** Um dirigente vive reclamando que possui muitas atribuições, apesar disso não reparte suas tarefas e vê defeitos e despreparo nos que tentam ajudá-lo. O que você diria para ele?

Ninguém é obrigado a abraçar mais tarefas do que a sua disponibilidade de tempo e de forças permitam. Precisamos aprender a ciência de trabalhar em equipe, não exigindo perfeição de ninguém, e muito menos, achando que algo só fica bem-feito quando somos nós quem fazemos. Isso é uma presunção que não deveria ter lugar em nosso movimento.

Walter Barcelos afirma que: "Muitas vezes os dirigentes espíritas são culpados pela escassez de cooperadores, devido às suas exigências absurdas de requisitos pessoais".<sup>31</sup>

**8.** Nas reuniões de um órgão de unificação espírita, um membro da diretoria tem por hábito comentar os assuntos, com antecedência, com dois outros membros, no intuito de persuadi-los a concordar com certos encaminhamentos que pretenda dar a determinados temas. Na hora da reunião, sua opinião normalmente é acatada e os que não foram por ele contactados, são voto vencido. O que você pensa sobre essa atitude?

Há que se lamentar se os comentários são feitos com esse intuito. Isso mais parece uma reprodução dos ambientes políticos, onde as conversas e conchavos são feitos à surdina dos bastidores.

Chico Xavier foi categórico quando afirmou que no movimento espírita não deveria haver lugar para tantas intrigas, fofocas e comentários depreciativos em

<sup>31</sup> **31** BARCELOS, Walter. *Aprendendo, Amando e Servindo*, l.ed. Votu- poranga: Didier, **2000**. Cap. 'O espírito de equipe'.



tomo desse ou daquele companheiro, dessa ou daquela casa espírita. Diz ele que:

(...) foram as intrigas que deturparam o movimento cristão em seus primeiros tempos e que continuam, até hoje, entravando o progresso espiritual dos que deles não sabem se desvencilhar.<sup>32</sup>

Estas situações que apresentamos, seguidas de comentários, poderão ser debatidas em encontros e reuniões para reflexão dos procedimentos que já adotamos ou adotaríamos diante de tais problemas.

Os comentários feitos deverão ser relativizados, pois é possível que em alguns momentos tenhamos emitido opiniões muito pessoais. Mas se o fizemos não foi com o intuito de delimitar ou cercar a sua capacidade interpretativa como leitor, mas para que as situações não ficassem soltas, comprometendo a organização do capítulo. Ao mesmo tempo são as opiniões que temos sobre os assuntos abordados, até o presente momento. E como não temos a pretensão de sermos os donos da verdade, aceitamos as críticas e as sugestões que nos permitam uma reformulação futura.

## CAPÍTULO 9 REPENSANDO A QUALIDADE NO CENTRO ESPÍRITA

Aliás, não temos absolutamente a pretensão de impor as nossas ideias; emitimo-las, por ser direito nosso. Que as adotem aqueles a quem elas convêm; os outros têm o direito de as rejeitar.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1861**

Na sua feição de escola, o centro espírita se configura como um lugar de múltiplas aprendizagens, propiciando a todos os que interagem no seu espaço físico e psíquico, o aperfeiçoamento intelecto-moral.

Tais aprendizagens decorrem das relações que estabelecemos no exercício das variadas tarefas que abraçamos.

Das tarefas existentes no centro espírita, da mais braçal a mais intelectualizada, todas se revestem de um caráter genuinamente educativo, onde somos chamados a desenvolver e aperfeiçoar nossas qualidades.

Esse foco educativo muitas vezes se perde no meio de tantas atividades e das novas frentes que o centro espírita vai abrindo no anseio de crescer e absorver os

<sup>32</sup> **BACCELLI**, Carlos. *O Evangelho de Chico Xavier*, 1.ed. Votuporanga: Didier, **2000**.

novos colaboradores.

Perdemos de vista que toda e qualquer atividade que se desenvolva no âmbito dos nossos centros, precisa ter como característica a promoção humana, o crescimento coletivo, a busca constante por qualidade nas nossas relações e nos procedimentos administrativos que adotamos.

Também conseguimos esta qualidade com a abertura de espaços para que novos colaboradores possam adquirir a experiência que possuímos, revezando-se conosco em algumas atividades, depois de naturalmente terem sido preparados para exercê-las. E, nesse particular, deve haver espaço para todos, independente da idade, do tempo de participação no movimento, dos postos que ocupem e dos livros que já tenham lido.

Em **1996**, a UNESCO (órgão da ONU) propôs o que foi chamado de *Os quatro pilares da educação para o século XXI: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*.<sup>33</sup>

Esses quatro pilares podem perfeitamente fundamentar um programa que vise dar maior qualidade ao que fazemos no centro espírita.

Essa proposta parece-nos estar implícita na trilogia *Espiritizar, Qualificar e Humanizar*, proposta pelo Espírito Joanna de Angelis por intermédio do médium Divaldo P. Franco, numa conferência realizada pelo mesmo em **8/5/98**, sob o título *Novos rumos para o Centro Espírita*.

Tanto a proposta de Joanna de Angelis quanto a anterior, da Unesco, referem-se a uma nova postura diante do conhecimento, do outro, de nós mesmos e por que não dizer, diante do próprio Espiritismo.

Não é uma fórmula mágica para fazer o movimento espírita alcançar níveis de excelência e de fraternidade nunca antes visto, mesmo porque isso resulta de um processo e todo processo tem seu tempo de gestação, nascimento e maturação.

Aprender a conhecer significa perceber as relações existentes entre o conhecimento das diferentes áreas do saber e destas com o Espiritismo; implica numa atitude crítica em relação ao que ocorre no movimento espírita e na sociedade em geral; significa negar ou aceitar o que é novo ou o que é velho, não porque sejam velhos ou novos, mas porque sejam válidos ou não para dar conta da realidade dos nossos dias. Não se trata de uma nova maneira de estudar o Espiritismo, mas de uma postura diferente diante do que já sabemos e perante o que ignoramos.

Para isso precisaremos ser mais racionais e menos racionalizadores, ou seja, usar a razão para perceber nossas deficiências, termos autocrítica, admitir a relatividade do nosso saber, amarmos o debate que esclarece ao invés da polêmica que divide, confunde e agride. Observar, mas observar-nos, contextualizando

<sup>33</sup> **35** DELORS, Jacques. *Educação um Tesouro a Descobrir*. Porto: AsaI Unesco, **1996**.

nossas opiniões sem perder de vista o que acontece em outros lugares, religiões e culturas, de modo a perceber como o Espiritismo pensa e se posiciona diante disso tudo. É um conhecer ético, tolerante, multicultural e fraterno.

Aprender a fazer significa desenvolver novas metodologias que nos levem a trabalhar melhor, com mais eficiência, permitindo-nos errar mas aprender com os próprios erros. E isso, passa por um processo de permanente qualificação dos colaboradores que atuam no centro espírita.

Exatamente como Lísias<sup>34</sup> disse a André Luiz, em referindo-se ao Ministério do Auxílio: "(...) nossos serviços são distribuídos numa organização que se aperfeiçoa dia a dia, sob a orientação dos que nos presidem os destinos".

Não devemos esquecer que há coisas que só aprendemos a fazer fazendo, logo, qualificar é orientar, treinar, possibilitar reflexões, atualizações constantes a todos, concomitantemente às oportunidades de trabalho.

Planejar e executar um trabalho, assim, é fundamental para que o centro cumpra bem o seu papel no contexto onde está situado e acima de tudo atenda aos propósitos do Espiritismo.

Aprender a conviver implica em admitir que são as relações interpessoais que nos melhoram, despertam a nossa sensibilidade, aperfeiçoam nossos sentimentos. E qual relação dispensa a presença da tolerância?

Sem tolerância recíproca estaremos dificultando a marcha do movimento espírita. Tolerância que não se traduz por convivência, mas respeito às diferenças. Significa incluir mais e excluir menos, melhorando não apenas as nossas relações, mas trabalhando para que as relações alheias também sejam mais fraternas.

O pensador Edgar Morin afirma que se descobrirmos que somos todos seres falíveis e imperfeitos, então poderemos descobrir que todos necessitamos de compreensão mútua. Esta melhor convivência, passa também pela aceitação e pelo reconhecimento de que as pessoas que não são espíritas podem, perfeitamente, ser felizes nas opções religiosas ou não que fizerem.

Implica em admitir que não existem centros espíritas nem tão-pouco espíritas que sejam iguais. Nosso movimento, assim como o universo, é estruturalmente plural, diverso e nisso reside a beleza e ao mesmo tempo o grande desafio da unificação, respeitar as diferenças, permitindo que elas somem e não subtraíam, nos aproximem e não nos afastem, pois buscamos objetivos comuns.

Allan Kardec<sup>35</sup> afirma que a pretensão de que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder (...)

<sup>34</sup> **34** XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. **39**.ed. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, **1991**. Cap. 'Organização de serviços'.

<sup>35</sup> **35** KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. **1**.ed. Léon Denis - Gráfica e Editora. Rio de Janeiro, **2002**. Cap. Constituição do Espiritismo - 'Atitude de ação da comissão central'.

seria uma utopia tão absurda, quanto pretender que todos os povos da Terra formem um dia uma única nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis, e sujeita aos mesmos usos.

Chegamos assim ao aprender a ser. Que ao nosso ver não algo distinto de um bem aprender, um bom fazer e um bom conviver. Ao contrário, é o que estrutura, determina e é também determinado por todo esse processo. Processo que nunca cessa, pois a todo o momento estamos pensando e repensando o que somos, fazemos e pretendemos ser.

O centro espírita é o laboratório por excelência onde podemos tentar, experimentar, inovar, aprimorar, desenvolver, qualificar, errar, naturalmente buscando sempre acertar. O que não podemos mais é aguardar que tudo isso ocorra de forma mágica. Não temos mais tempo para ficar aguardando que a espiritualidade realize aquilo que é responsabilidade nossa.

Resistimos ao novo como se isso traduzisse fidelidade a Allan Kardec, que era um vanguardista, um homem à frente do seu tempo, que via o futuro com extrema nitidez.

Criticamos velhos procedimentos, esquecidos de que a mudança da rotina de um centro espírita é mais uma mudança de cultura do que uma simples substituição de pessoas e de práticas. E tal mudança demanda um certo tempo.

Atestamos a ausência de trabalhadores, mas nem sempre nos questionamos sobre o modo utilizado para "seduzir", persuadir novos companheiros. Muitas vezes ressaltamos tanto a responsabilidade que o trabalhador deve ter, listando tantos pré-requisitos, que bem poucos voluntários sentem-se com o perfil desejado.

Precisamos reaprender ou mesmo aprender uma nova maneira de nos relacionar conosco, com o outro, com as tarefas espíritas e com a própria vida.

Melhorar a organização das nossas atividades no centro espírita, implica também em melhorar-nos simultaneamente, dialeticamente, permitindo-nos errar, aprender com o outro, admitir que não sabemos, construindo juntos uma nova cultura administrativa e relacional em nosso movimento.

## CAPÍTULO 10 COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO

Eu disse que os adversários têm uma outra tática para alcançar seus fins: consiste em procurar semear a desunião entre os adeptos, atizando o fogo de pequenas paixões, de ciúmes, fazendo nascer os cismes, suscitando causas de antagonismo e de rivalidade entre os grupos, a fim de levá-los a constituir diversos campos. E não creiais que são os inimigos declarados que desta forma agem! São os

pseudo-amigos da doutrina e, frequentemente, aqueles em aparência mais calorosos.

Allan Kardec *Viagem Espírita* de 1862

Cooperar é mais importante que competir!

E uma atitude que requer a coragem de se apagar para que o conjunto brilhe e os resultados apareçam.

A cooperação implica em uma mudança de paradigma, pois ao contrário do que se possa pensar, ela fortalece a individualidade ao negar o individualismo e estimula a fraternidade em detrimento do egoísmo. Em decorrência disso, a singularidade do ser é preservada e aperfeiçoada na ação coletiva.

Mas há uma forma de competição que não se perde na ação cooperativa: a competição conosco mesmos, a auto-superação, de modo a nos tomarmos melhores do que temos sido e ainda mais úteis para o conjunto no qual tomamos parte.

Junto com a competição encontramos a rivalidade.

Rivalidade nos esportes, na mídia, na vida em família e muitas vezes também nos ambientes religiosos.

Essa postura ingênua de nos rivalizarmos uns com os outros, apenas nos distancia da proposta de Jesus e nos mantém cada vez mais presos ao jugo das próprias imperfeições.

Quantos centros espíritas poderiam produzir mais e melhor se priorizassem a qualidade das relações entre todos os que atuam e frequentam as suas dependências.

Quantos companheiros cheios de boa vontade, mas ainda não amadurecidos, se afastam de nossos centros por não conseguirem aceitar e crescer com as diferenças, em regime de recíproca tolerância. Tolerância muito mais com os que erram do que com os erros em si.

Mais tolerantes evitamos o surgimento de hierarquias rígidas e verticais, banimos a disciplina que violenta e adotamos a que organiza e educa, evitamos a burocratização do afeto e cultivamos a espontaneidade, nos vacinamos contra as idolatrias aos que aparentemente não erram, percebendo que todos somos ídolos com pés de barro.

Com trabalho, solidariedade e tolerância, sem competições, o centro espírita mantém o seu foco: a educação do gênero humano (o espírito imortal), mediante o estudo e a vivência do bem.

Esta postura nos leva naturalmente a desejar auxiliar os centros com maiores dificuldades, sejam eles adesos ou não, sem exclusões, competições ou indiferenças. Mesmo porque, nosso movimento comporta a multiplicidade de visões e experiências.

A Doutrina Espírita estimula-nos a liberdade de raciocínio e o desenvolvimento do senso crítico, que foi um dos grandes apanágios do Codificador. As diferenças, quando bem administradas, somam para o crescimento de todos.



Pelas páginas da *Revista Espírita* de **1862**, Allan Kardec advertiu-nos quanto à importância da fraternidade em nossas relações:

Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranquilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraterno. Todo grupo ou sociedade que se formar sem ter por base a caridade efetiva não terá vitalidade (...)<sup>36</sup>

Essa fraternidade não pode ser imposta por um decreto ou norma, ela é construída dia após dia em nossos núcleos de aprendizado cristão, respeitando-se os limites e as afinidades de cada um.

O que não deixa de ser curioso é que, em alguns momentos, em nossas relações, nos detemos principalmente no pouco que nos separa, esquecendô-nos do muito que nos aproxima.

Criamos aquilo que o Codificador chama de "sistemas". Esses sistemas são compostos por ideias que nos dividem, suscitando a desconfiança e a inveja. Ficamos "armados" em relação aos companheiros de ideal, esquecendo que somos irmãos e não concorrentes. Ignoramos com frequência que um dos fatores mais importantes para a nossa evolução é o auxílio mútuo.

Num de seus livros, o teólogo Leonardo Boff<sup>37</sup> afirma que a seleção natural não se deu tanto pela vitória dos mais fortes sobre os mais fracos, mas principalmente pela cooperação e a co-existência entre eles, pois:

(...) os hominídeos, de milhões de anos atrás, passaram a ser humanos na medida em que mais e mais partilhavam entre si os resultados da coleta e da caça e compartilhavam seus afetos. A própria linguagem que caracteriza o ser humano surgiu no interior deste dinamismo de amor e de partilha. A competição (...) é anti-social, hoje e outrora, porque implica a negação do outro, a recusa da partilha e do amor.

De acordo com a educadora Maria Eny R. Paiva,<sup>38</sup> "a competição só existe na natureza (...) em condições especiais, onde se torna impossível cooperar, devido à escassez, ou seja, não é possível dividir para que todos saiam satisfeitos."

O que ganhamos quando competimos com os nossos companheiros de ideal?

O que ganhamos quando competimos com outros religiosos?

O que ganhamos com a competição em família?

A resposta parece óbvia: nada.

O impulso na direção do próximo, procurando cooperar com ele, tem uma raiz religiosa profunda, Deus o inscreveu no coração dos homens.

Nos dias de hoje, assistimos à formação de mercados comuns entre os países,

<sup>36</sup> **36** KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de fevereiro de **1862**. Sobradinho: Edicel. Cap. 'Resposta à mensagem de Ano Novo dos Espíritas Lioneses'.

<sup>37</sup> **37** BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Vozes, **1999**.

<sup>38</sup> " PAIVA, Maria Eny Rossetini. *Asas para o Infinito*. 2.ed. Capivari: EME Editora, **1999**.

vemos empresas democratizando o processo decisório; o surgimento de direções colegiadas; a valorização do trabalho em equipe; médicos, advogados e demais profissionais, associando-se em cooperativas, numa clara demonstração de que o sentido de sobrevivência e crescimento está na cooperação e não na competição e no isolamento.

Aproximemo-nos uns dos outros sem ideias pré-concebidas, sem querer converter os outros à nossa maneira de enxergar o Espiritismo, o movimento espírita e o centro espírita.

Que o desejo de aprendermos, juntos, supere a falsa concepção de que os outros são aprendizes a serem instruídos pelo nosso "vasto saber".

Tudo isso será importante não apenas para desencarnarmos e vivermos bem no mundo espiritual, mas principalmente para vivermos bem aqui, com os outros e conosco mesmos.

## CAPÍTULO 11 ERRAR É HUMANO

Eis por que nem todos os Espíritas são perfeitos. Isto nada tem de surpreendente para um começo; e se uma coisa deve admirar, é o número de reformas operadas neste curto intervalo. Se nem sempre o Espiritismo vence as más inclinações de maneira completa, um resultado parcial não deixa de ser um progresso a ser levado em conta; e como cada um de nós tem seu lado fraco, isto nos deve tomar indulgentes.

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1865

As pessoas precisam nos dar o direito de errar...<sup>39</sup>

Francisco Cândido Xavier

**Eu erro. Tu erras. Ele erra. Nós erramos. Vós errais. Eles erram.**

**Esta é a conjugação do verbo errar no presente do indicativo. Verbo que apesar de conjugado, tem quase sempre seu sentido esquecido, principalmente em nossas relações intra e interpessoais.**

**Quem toma iniciativas e busca realizar algo, inevitavelmente se depara com erros e acertos.**

A questão é que lidamos bem com o êxito e não tão bem com o fracasso.

Quem nunca se equivocou consciente ou inconscientemente? Quem nunca fez um juízo errôneo a respeito, de alguém? Quem nunca se subestimou, atribuindo-se menos valia ou superestimou-se, crendo-se portador do que não possuía?

<sup>39</sup> BACCELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*, l.ed. Votuporanga: Didier, 2000. P. 94.

O problema não está em errar, mas em permanecer errando, sem tirar proveito algum dos próprios enganos.

Esta reflexão aplica-se também no cotidiano dos nossos centros espíritas.

Frequentemente ressaltamos que o centro é um hospital, uma oficina de trabalho, um verdadeiro lar e uma grande escola. Ora, na condição de escola toma-se um ambiente de múltiplas aprendizagens. E em todo processo de aprendizagem é muito comum e quase inevitável a ocorrência de erros. Tais erros, quando convenientemente aproveitados, convertem-se em forças propulsoras para os acertos desejados.

As vezes olvidamos esta verdade em situações que poderíamos agir com mais tato e cuidado, como por exemplo:

a) não escalamos mais o expositor que fez uma bela exposição doutrinária, mas equivocou-se num determinado ponto, fazendo uma colocação ou citação infeliz. Não o convidamos mais sem se quer dizer-lhe como e em que se equivocou;

b) percebemos que um evangelizador, num instante de descontrole, não corrigiu adequadamente um evangelizando e acreditamos, precipitadamente, que o companheiro não está preparado para a tarefa. Nem sempre sentamos para orientá-lo, saber se está com algum problema, se encontra alguma dificuldade, esquecidos que tempos atrás, quando começamos, cometemos as mesmas falhas, embora cheios do desejo de acertar;

c) consideramos o dirigente autoritário, limitando-nos a auxiliá-lo com as nossas preces, muito necessárias, mas que deveriam se fazer acompanhar do nosso ponto de vista, expondo-lhe franca e fraternamente o quanto é desnecessário mandar e o quanto é útil coordenar;

d) percebemos algum animismo na comunicação dada por intermédio de um médium iniciante ou mais experiente e julgamos tratar-se de uma falha na filtragem do medianeiro. Até aí tudo bem, pois isto acontece todos os dias. A questão é que em algumas ocasiões, não querendo melindrá-lo, permanecemos em silêncio com ele, comentando com outros o ocorrido. Esquecemos de orientá-lo lúcida e amorosamente, reconhecendo, inclusive, que há um percentual de animismo quase que inevitável, que em nada compromete o teor da mensagem nem o estilo do espírito comunicante;<sup>40</sup>

e) julgamos as ausências como sinônimo de falta de responsabilidade, quando muitas delas são ocasionadas por doenças, acidentes, problemas que talvez solucionássemos com facilidade, mas que aos olhos do companheiro são motivos suficientes para roubar-lhe o ânimo diante da tarefa.

O fato é que todos erramos, ora nas ações, ora nas omissões.

Daí a importância dos mais experientes auxiliarem os iniciantes e os mais cultos

<sup>40</sup> TEIXEIRA, José Raul. *Correnteza de Luz. Pelo Espírito Camilo*. Niterói: Frater, 1991. P.100.

apoiarem os aprendizes, a fim de que tenhamos um clima ainda mais fraterno em nossos centros espíritas, um clima de escola progressista.

Alkíndar de Oliveira menciona uma frase de Mike Markkula, Presidente do Conselho da Apple Computer, em que o mesmo afirma: "Acredito que a qualidade geral do trabalho melhora quando damos às pessoas a oportunidade de errar".<sup>41</sup> E cita inúmeros casos de pessoas empreendedoras que fracassaram sucessivas vezes até que obtivessem o que estavam perseguindo.

Leila Dupret<sup>42</sup> cita em seu livro *Errar é humano*, direcionado principalmente a educadores, que erro e acerto são dimensões opostas e complementares, ressaltando que o erro pode ser concebido como um obstáculo que deve ser ultrapassado (erro-desafio), um provocador de raciocínios que nos possam induzir ou estimular futuros acertos, sendo inclusive algo bom e necessário ao desenvolvimento da pessoa. ,

Nessa mesma linha de raciocínio, o Espírito André Luiz também diz: "Se você pretende vencer, não menospreze a possibilidade de amargar, algumas vezes, a aflição da derrota como lição no caminho para o triunfo".<sup>43</sup>

A criança ao dar os primeiros passos cai, tropeça, desequilibra-se. O mesmo ocorre quando aprendemos a andar de bicicleta, a dirigir um automóvel e apesar disso, prosseguimos tentando, recebendo os estímulos daqueles que nos amam.

Reconhecer no centro espírita a sua feição de escola, implica em nos reconhecermos como eternos aprendizes, sem nos considerar "prontos", "superiores", "professores" dos demais.

O erro deve ser encarado como algo natural não apenas por aquele que erra, mas também por aquele que o avalia.

Não defendemos a conivência, nem aplaudimos a omissão. Mas entendemos que o espírito de fraternidade, que deve nortear as nossas relações, recomenda-nos compreender um pouco mais, caminhar juntos um tempo maior, insistir, abrir espaços para que outros aprendam conosco, nos ensinem o que sabem e juntos descubramos o que sozinhos jamais conseguiríamos saber.

Somente assim, poderemos criar um clima genuinamente cristão neste espaço de convivência e crescimento que é o centro espírita.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Alkíndar de. *O Espírita do Século XXI*. I.ed. Santo André: Editora Bezerra de Menezes, **2001**. Cap. 'Aprender com erros'.

<sup>42</sup> DUPRET, Leila. *Errar é Humano*. Rio de Janeiro: Stampapa, **1999**.

<sup>43</sup> VIEIRA, Waldo e XAVIER, Francisco Cândido. *Estude e Viva*. **8**.ed. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, **1996**. Cap. 'Aspectos da dor'.

# CAPÍTULO 12 ESPIRITIZAR

(...) mas, pretender que o Espiritismo seja organizado por toda parte da mesma maneira; que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma forma de proceder; que deverão esperar a luz de um ponto fixo para o qual deverão fixar seus olhares, seria uma utopia tão absurda, quanto pretender que todos os povos da Terra formem um dia uma só nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis, e sujeita aos mesmos usos.

Allan Kardec *Obras Póstumas*

**Afirmou com muita propriedade Hermínio C. Miranda, que "(...) O Espiritismo, como doutrina essencialmente evolutiva, não termina com Kardec; começa com ele"<sup>44</sup>**

**Como pode alguém entender as complexas equações matemáticas sem O domínio das quatro operações básicas? Como escrever profundos tratados sobre as mais diferentes ciências, sem o domínio do alfabeto e sem o mínimo conhecimento das regras gramaticais?**

Desse modo, Espiritizar significa voltar às bases, revendo em nossas práticas o que se aproxima e o que se distancia do lúcido pensamento dos espíritos superiores, a fim de nos precavermos de enxertias, excentricidades e estranhas interpretações, tão danosas ao progresso do movimento espírita.

Por mais estranho que possa parecer, Espiritizar é trazer Allan Kardec de volta aos nossos centros espíritas. Não somente redescobrimos sua personalidade e seu bom senso, mas também aprofundando-nos ainda mais no estudo da Doutrina Espírita, entendendo que o pensamento e o trabalho do Codificador e da espiritualidade se confundem num mesmo trabalho.

Não se trata de idolatrar a figura de Allan Kardec, pois nesse caso, estaríamos indo contra tudo aquilo que ele mesmo declarou e fez. Mas o conhecimento da sua vida, dos seus esforços e sobretudo do seu pensamento, pode nos proporcionar fecundo aprendizado, levando-nos a identificar nas suas atitudes, experiências valiosas para o nosso trabalho nos centros espíritas, órgãos de unificação e demais instituições onde estejamos colaborando.

Espiritizar significa envidar esforços para manter em nossas ações individuais e coletivas, dentro ou fora dos centros espíritas, a fidelidade ao pensamento dos espíritos superiores. É Mantermo-nos como adeptos da Doutrina Espírita, sem o desejo de desfigurá-la criando uma outra doutrina: a "doutrina dos espíritas". Isso ocorre, quando moldamos o Espiritismo às nossas conveniências, sem a coragem necessária de nos adequar às suas propostas.

<sup>44</sup> MIRANDA, Hermínio C. *Diálogo com as Sombras*. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979. 'Introdução'.



Não foi por outro motivo que o Codificador afirmou ter inimigos entre os espíritas: "Entretanto, o que pode parecer mais espantoso, é que tenho adversários mesmo entre os adeptos do Espiritismo".<sup>45</sup>

Essa afirmativa deve ser contextualizada, a fim de entendermos a sua razão de ser. Allan Kardec fez essa declaração num dos seus célebres discursos proferidos nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux, por ocasião da viagem que fez a mais de vinte cidades francesas, no outono de **1862**. Reunido com os espíritas da primeira hora, sua frase não tinha um tom de queixa, mas de advertência, seguida de uma análise das categorias de espíritas.

É bem possível que encontremos ainda hoje inimigos de Allan Kardec em nosso movimento.

Uma proposta de Espiritizar pode parecer estranha, pois se afirma implicitamente que não estamos fazendo um movimento nos moldes espíritas.

Embora não possamos fazer generalizações, é possível se afirmar que as iniciativas que procuram trazer para o seio do movimento espírita, conceitos e práticas que não se coadunam com as propostas de unificação, são destituídas de importância. Isso porque fogem da autoridade que dimana do consenso, daquilo que a maioria discutiu e concordou, que é o melhor para o centro em particular e para o movimento como um todo.

Sobre dissensos e consensos, Allan Kardec, provavelmente já enfrentando esse tipo de dificuldades entre os espíritas franceses e já prevendo que isso ocorreria no futuro, se expressou por meio das páginas da *Revista Espírita* afirmando que "(...) em caso de divergência de opiniões, o meio mais fácil de sair da dúvida é ver qual a que reúne a maioria, pois há nas massas um bom senso inato, que não engana."<sup>46</sup>

Essa proposta de Espiritização soa para os centros e para os espíritas que estão sempre preocupados e ocupados em trabalhar pela criação de uma unidade em nosso movimento, apenas como uma ratificação e uma certeza de que estão no caminho certo. Para aqueles que vivem com outras preocupações, é um convite amoroso e uma advertência fraterna da espiritualidade amiga, para que evitemos iniciativas paralelas, que às vezes bem intencionadas, subtraem ao invés de agregar, distam ao invés de concentrar.

Pode-se afirmar também que toda resistência a projetos, ideias e pessoas, que procuram insistentemente trabalhar pelo progresso da causa espírita, por meio de contribuições valiosas, sem que esses mesmos companheiros exijam para si atenções e importância diferenciada, é sinal de atraso e retrocesso, uma espécie

<sup>45</sup> **KARDEC**, Allan. *Viagem espírita em 1862*. Tradução de Wallace L.V. Rodrigues. Matão: O Clarim, **1968**. Cap. 'Discurso pronunciado nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux'.

<sup>46</sup> \* **KARDEC**, Allan. *Revista Espírita de 1862*. Sobradinho: Edicel, p. **36**.

de antiespiritização.

Afinal, desejamos um movimento grande em qualidade, onde nos coloquemos na vanguarda em termos de conhecimento, de atividades espíritas e de relacionamento genuinamente cristão. E toda iniciativa que procurar aprimorar, gerar progresso, fundamentada nas ideias espíritas, deve ser bem-vinda e deve ser objeto das nossas reflexões.

A perfeita articulação, entre Espiritizar, Qualificar e Humanizar, somente será possível se procurarmos nos reunir para a troca de experiências e pontos de vista; se em seguida nos unirmos em torno de princípios e propostas, mantendo sempre afastado de nossos propósitos todo desejo de reivindicar privilégios e distinções, colocando-nos sempre de acordo com a universalidade dos ensinamentos, critério utilizado por Allan Kardec como ponto fundamental na elaboração da codificação.

Somente conjugando bem o verbo Espiritizar, é que conseguiremos fazer com que ele se tome o facilitador natural dos nossos esforços para uma melhor qualificação e humanização de nosso movimento.

## CAPÍTULO 13 FORA DO CENTRO ESPÍRITA NÃO HÁ SALVAÇÃO

Reconhecereis o verdadeiro Espírita pela prática da caridade em pensamentos, palavras e atos; e disse que aquele que em sua alma nutre sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja e de ciúme mente a si mesmo se pretende compreender e praticar o Espiritismo.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1862**

No capítulo XV, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, intitulado 'Fora da caridade não há salvação', itens **8 e 9**, Allan Kardec analisa a questão de não haver salvação fora da igreja ou fora da verdade ensinada pelo Espiritismo.

Em momento algum o Codificador sugere ou insinua que fora do Espiritismo as criaturas humanas estariam fadadas a sofrer e a serem infelizes. Na nota da pergunta **982** de *O Livro dos Espíritos*, ele mesmo afirma que "(...) O Espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação; nos desvia dos atos que podem retardar a nossa felicidade futura; é assim que ele contribui para esta felicidade, mas não foi dito que, sem ele, não se possa consegui-la".

Admitir o Espiritismo, como caminho único e exclusivo para a conquista da paz interior, é assumir uma postura radical, nitidamente fundamentalista e contrária à opinião dos espíritos superiores.

O teólogo Leonardo Boff afirma que "o Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista." E salienta: "(•) quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância".<sup>47</sup>

Essa atitude mental e emocional, vendo as demais religiões e julgando os demais religiosos com um certo desdém, dando menos valia àquilo em que acreditam e fazem, é uma atitude nitidamente fundamentalista.

E preciso distinguir a visão que o Espiritismo nos dá e a aplicação que fazemos dos seus princípios em nossa vida prática. Foi por isso que o grande educador Pedro de Camargo afirmou que "A consciência religiosa importa em um modo de ser, e não em um modo de crer".<sup>48</sup>

Mas há momentos em que a nossa intolerância e incompreensão não se voltam apenas para os profíctentes de outras religiões. Às vezes, se apresentam nas nossas relações cotidianas, na intimidade dos centros espíritas que frequentamos e no movimento espírita do qual participamos.

Se um companheiro se afasta das atividades que desenvolve num determinado centro, julgamos, apressadamente, que possa estar sendo vítima de um problema obsessivo ou que de alguma forma não se encontra no seu melhor juízo.

Nem sempre cogitamos das suas necessidades materiais na condução da sua família; não ponderamos sua idade e o imperativo de estudar, a fim de poder realizar-se profissionalmente; muitas vezes não nos perguntamos sobre a sua saúde e a necessidade de tratamento médico, terreno e especializado, como aliás sempre fizeram médiuns como Chico Xavier e Divaldo Franco; não entendemos que o companheiro que trabalhou e reuniu recursos tem direito ao lazer, a tirar férias junto de sua família e que o repouso está consagrado nas leis civis e na Lei Divina do Trabalho; ignoramos ou esquecemos a atenção que os filhos pequenos reclamam e, outras vezes, não cogitamos das insatisfações que alguém possa estar sentindo com a condução das atividades no centro, afinal, estamos tão satisfeitos e concentrados no que fazemos que não passa pela nossa cabeça que isso possa ocorrer com alguém. (Contudo, o companheiro pode se explicar à direção da casa espírita acerca da sua ausência, evitando dessa forma qualquer mal-entendido por parte dos colegas, que antes de um pré-julgamento deveriam buscar a verdadeira causa.)

O fato é que tendemos a avaliar o outro pelas nossas medidas. Se estamos tantos dias e tantas horas envolvidos com as atividades espíritas, porque o outro não se envolve com a mesma intensidade?

<sup>47</sup> **47** BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo*. Rio de Janeiro: Sextante, **2002**. Cap. 'O que é Fundamentalismo'.

<sup>48</sup> **44** CAMARGO, Pedro de. *O Mestre na Educação*. **3**.ed. Rio de Janeiro: FEB, **1982**. Cap. 'Instrução e educação'.

Há casos em que o afastamento de alguém é pressagiado com terríveis males que se acredita possam visitar o companheiro.

Esquecemos que cada um se encontra num estágio evolutivo, com imperfeições a serem corrigidas e qualidades que já foram adquiridas, com uma noção diferenciada de tempo perdido e bem aproveitado.

Alguém que tenha sérios compromissos na área medi-única, por exemplo, na medida em que não dá continuidade à educação das forças que vibram em si, tanto no centro quanto fora dele, pode, naturalmente, desequilibrar-se, mas não como um castigo da espiritualidade ou uma punição divina. É natural que toda ferramenta não utilizada ou usada de forma indevida, sem manutenção, contraia ferrugem. E isso vale para qualquer coisa na vida, inclusive para a relação que estabelecemos com nossos compromissos espirituais.

Quando Allan Kardec e a espiritualidade enfatizam a necessidade do bem, estão dilatando o nosso conceito de salvação e felicidade, estão nos dizendo que a máxima não é *fora do centro espírita não há salvação e sim, "fora da caridade não há salvação*

Portanto, se um companheiro se afasta momentânea ou definitivamente de um centro espírita, isto não quer dizer que esteja se afastando da prática da caridade que poderá se dar em qualquer lugar. Não significa necessariamente que esteja sendo vítima de uma cilada das trevas. Muitas vezes pode ser uma inspiração da luz para que cuide da sua saúde, reflita melhor sobre determinados aspectos da sua personalidade, execute o programa de capacitação profissional que necessita. Alguns conseguem fazer tudo isso mantendo uma relativa frequência ao centro, outros já não encontram a mesma facilidade.

Somente os espíritas frequentadores de centro possuem espíritos protetores? E os que não são espíritas? Não possuem amigos espirituais auxiliando-os nas pesquisas, nas assembleias legislativas, no poder executivo, no magistério, na empresa onde atuam, na atividade que realizam como autônomos?

Externar nossa atenção, carinho e preocupação com os amigos é atitude cristã. Querer para eles o mesmo bem-estar, a mesma paz interior que já desfrutamos, sentir a falta e desejar a presença deles é testemunhar o amor que nutrimos por eles. Porém, julgar e pressagiar terríveis males, em função de um afastamento, é assumir uma posição radical e fundamentalista com os próprios companheiros de ideal.

Não queremos, contudo, fazer apologia da deserção, nem incentivar ninguém a relaxar nos seus compromissos espirituais. Mas entendemos que esta relação precisa ser saudável, consciente, reflexiva, e não baseada em temores ou caracterizada por um ativismo, onde a preocupação maior é fazer, realizar quantitativamente e não propriamente nos relacionar.

A religiosidade que o Espiritismo nos propõem desenvolver não é a do tipo devocional e contemplativa, mas relacional e operativa, isto é, melhorando nossas

relações interpessoais, aprendendo a perdoar, compreender e tolerar, estamos crescendo de dentro para fora, dando de nós mesmos aos que nos cercam.

O centro espírita facilita-nos esse processo, na medida em que se constitui num campo propício para esse exercício de convivência fraterna. Nele estimulamos e somos estimulados, criamos laços de amizade verdadeira, temos um campo imenso de trabalho, mas ninguém afirma que fora dele alguém não possa se realizar, melhorar-se e contribuir para uma sociedade mais justa e feliz.

Estimulemos a participação dos companheiros, auxiliemo-nos uns aos outros, mas evitemos julgar não apenas os que se afastam, mas também os que permanecem. O julgamento adequado compete a Deus e este, até onde compreendemos, é uma fonte perene de estímulos e não de censuras.

## CAPÍTULO 14 O QUE FARIA ALLAN KARDEC COM UM MILHÃO?

(...) Jamais nada pedi a ninguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um vintém qualquer veio atender às minhas necessidades; numa palavra, não vivo às custas de ninguém, pois que, das somas que me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi retirada em meu proveito (...)

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1865**

Além das inúmeras qualidades que nos acostumamos a ouvir, ler e até divulgar a respeito de Allan Kardec, existe uma que poucas vezes é citada: a honestidade. Podemos comprovar a presença dessa virtude na admirável personalidade do Codificador, lendo e estudando a *Revista Espírita*, criada por ele em janeiro de **1858**.

Eram frequentes suas prestações de conta e o detalhamento de como os recursos obtidos eram empregados. Tudo visando dar transparência à sua administração e ao mesmo tempo informar aos assinantes da *Revista*, aos espíritas de um modo geral e aos críticos de plantão, que as contas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, criada também por ele em abril de **1858**, não se confundiam com as suas particulares.

Kardec explicará exaustivamente como investia cada *franco* e o fará porque não poucas vezes surgiam comentários e até publicações, acusando-o de se enriquecer às custas das assinaturas da *Revista Espírita*, da venda dos livros e das contribuições dos sócios da Sociedade Parisiense.

Na *Revista* de **1860** ele menciona o recebimento de um donativo de **10.000**



francos, preserva o anonimato da pessoa doadora por solicitação desta e afirma que tal quantia seria destinada a formar a Caixa do Espiritismo. São suas as seguintes palavras: "Essa soma formará o primeiro fundo de uma Caixa Especial, que nada de comum terá com meus negócios pessoais, e que será objeto de uma contabilidade distinta (...)".<sup>49</sup>(grifos nossos)

Essa Caixa Especial se destinava a atender as necessidades da doutrina e ao desenvolvimento das ideias espíritas, uma espécie de fundo de reserva, e o desejo de Kardec era que fosse administrada pelos companheiros mais próximos. O que demonstra não apenas o seu cuidado na condução das contas da Sociedade, mas também a confiança nos irmãos que trabalhavam com ele.

Na Revista de **1862**, novamente a questão do donativo anteriormente mencionado é abordada. Ele então explica que recebia, todos os anos, em sua própria casa, cerca de mil e duzentas a mil e quinhentas pessoas, entre visitantes franceses e estrangeiros e, além disso, toda documentação da Sociedade encontrava-se na sua residência. Afirma que parte do donativo fora utilizada para se alugar um apartamento e transferir a sede da Sociedade para lá. Ressalta que ele e a esposa não tinham necessidade de um segundo apartamento e que o custo para manutenção de duas residências se constituiria numa despesa inútil e onerosa. Mas pelo fato do apartamento ser central e possuir boas acomodações, sem ser suntuoso, ele tomara semelhante decisão. Pois se assim não o fizesse "(...) a Sociedade teria que continuar na situação precária, mesquinha e incômoda em que se achava."<sup>50</sup>

Curioso nisso tudo é que boa parte da mobília para a sede que passou a funcionar nesse apartamento foi doada pelo próprio Kardec, recorrendo aos seus recursos pessoais, a fim de preservar os da Sociedade.

Na *Revista Espírita* de **1863**, num artigo intitulado "Orçamento do Espiritismo ou Exploração da Credulidade Humana", o Codificador apresenta as insinuações feitas por um oficial reformado e publicadas num livro em Argel (África). Nesse livro, o autor afirmava que Kardec, possuía um lucro anual líquido da ordem de **250.000 francos**. As receitas e despesas do Codificador eram descritas de forma pormenorizada, atribuindo-lhe, tal oficial, maledicentemente, uma habilidade especulativa que ele nunca teve.

Embora esse fato seja apresentado na Revista de **1863**, antes disso e provavelmente já experimentando questionamentos de alguns companheiros, Kardec será incansável em tornar públicas as suas contas e os seus investimentos.

As páginas da *Revista* revelam que nas viagens que fazia para tratar de

<sup>49</sup> « KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de **1860**. Edicel: Sobradinho, p. **74**.

<sup>50</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espirita* de junho de **1862**. Edicel: Sobradinho. P. **167**. 'Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas discurso do Sr. Allan Kardec na abertura do Ano Social, a **12** de abril de **1862**'.

interesses da Doutrina, era obrigado a empregar seu próprio capital, pois o que a Sociedade arrecadava não cobria todas essas despesas. Além do que fica clara a sua preocupação em não dar margem para especulações em tomo da maneira como investia os poucos recursos que a Sociedade possuía. Mais de uma vez ele reitera que o objetivo dela (a Sociedade) não era o lucro.

Os gastos de viagem, como todos os que necessitam nossas relações para o Espiritismo, são cobertos por nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidas do produto de nossas obras<sup>51</sup>, sem o que ser-nos-ia impossível enfrentar todos os encargos consequentes da obra que empreendemos. Digo isto sem vaidade, mas unicamente em homenagem à verdade e para edificação dos que imaginam que entesouramos.<sup>52</sup>

Entendemos sua preocupação e acreditamos que a mesma deva se estender até os dias de hoje aos dirigentes dos centros espíritas e órgãos de unificação, com a devida adequação. Se as casas dispõem de condições para enviar um representante a um curso que ocorrerá em determinada cidade, para que o companheiro posteriormente repasse as informações obtidas e este tem dificuldades para arcar com tais despesas, por que não custeá-las? Da mesma forma, trazeremos um expositor de uma outra região do país para falar em nossas casas, é mais um investimento do que propriamente um gasto. Ouvimos uma outra forma de abordagem, oxigenamos nossas ideias, promovemos o intercâmbio salutar de experiências, nos confraternizamos e todos crescemos com essa dinâmica.

Ainda na *Revista Espírita* de **1862**, num item intitulado 'Os milhões do Sr. Kardec', o Codificador refuta as colocações de um padre que o acusava de ter tapetes caros, carruagem com quatro cavalos e outras coisas mais. De forma categórica ele afirma:

Se eu possuísse a que me atribuem e, sobretudo, se a devesse ao Espiritismo, seria perjuro aos meus princípios de a empregar na satisfação do orgulho e na posse de prazeres mundanos, em lugar de fazer servir à causa cuja defesa abracei.<sup>53</sup>

Em relação às especulações em tomo do montante arrecadado com a venda dos livros que haviam sido publicados até aquela ocasião (junho de **1862**), Kardec declara que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* ele a fez por sua conta e risco por não ter encontrado um editor que quisesse fazê-la. Esgotada a edição, ela havia lhe rendido apenas **500** francos e isso ele podia comprovar por meio de documentos. Ele diz com ironia: "Não sei que tipo de carruagem poderia ser comprada com isso."<sup>54</sup>

<sup>51</sup> \* Aqui ele se refere às suas obras pedagógicas.

<sup>52</sup> **51** *Id. Ibid.* 'Viagem Espírita em **1862**' (novembro - volume A).

<sup>53</sup> **52** *Id. Ibid.* 'Assim se escreve a História! Os milhões do Sr. Allan Kardec'.

<sup>54</sup> *Id. Ibid.* P. **179**.

Revela que sem os milhões que lhe eram atribuídos, teve que ceder, por algum tempo, os direitos de publicação de algumas edições aos editores, não tendo ciência de quanto esses já haviam arrecadado nem da natureza das vendas e que ele próprio tinha que pagar por qualquer exemplar que retirasse, vendesse ou desse de presente.

Uma leitura atenta da *Revista Espírita* de **1865** vem reforçar o que o Codificador já afirmara três anos antes.

Para começar direi que minhas obras não são minha propriedade exclusiva e sou obrigado a comprá-las ao meu editor e as pagar como livreiro, com exceção da Revista, da qual guardei a propriedade; que o lucro se acha singularmente diminuído pelos não pagamentos e pelas distribuições gratuitas, feitas no interesse da doutrina a pessoas que, sem isto, delas estariam privadas.<sup>55</sup>

**Parece-nos que o tal donativo oferecido ao Codificador, em 1860, ainda rendia comentários, pois neste mesmo ano de 1865 ele volta a falar sobre o assunto e de forma definitiva se dirige novamente aos que especulavam sobre o seu suposto enriquecimento.**

(...) jamais nada pedi a ninguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um vintém qualquer veio atender às minhas necessidades; numa palavra, não vivo às custas de ninguém, pois que, das somas que me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi retirada em meu proveito (...).<sup>56</sup>

**O Codificador sabia, como poucos, se indignar com elegância e sem transformar sua indignação em acusações e insinuações maliciosas. Defendia-se, porque possuía esse direito, mas ao mesmo tempo não alimentava um assunto que não merecesse maiores atenções.**

**Como eram frequentes os burburinhos em torno da sua suposta riqueza, ele resolve dar asas à imaginação e de forma criativa diz o que faria se tivesse um milhão de francos.**

Outrora teria feito a propaganda por uma larga publicidade; agora reconhecia que isto era inútil, pois que os adversários disto se tinham encarregado à sua custa. E prossegue: Hoje que o horizonte se alargou, que sobretudo o futuro se desenrolou, fazem-se sentir necessidades de uma outra ordem.

(...) uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; a outra para constituir uma renda inalienável, destinada:

**1") a manter o estabelecimento;**

<sup>55</sup> 54 KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1865. Sobradinho: Edicel. P.

159. 'Relatório da caixa do Espiritismo Feito à Sociedade Espírita de Paris a 5 de maio de 1865 pelo Sr. Allan Kardec' (junho de 1865 - volume 6).

<sup>56</sup> **55** *Id. Ibid.* P. **159**.

2<sup>a</sup>) a assegurar uma existência a quem me suceder e aos que o ajudarem em sua missão;

3<sup>fl</sup>) a cobrir as necessidades correntes do Espiritismo, sem se aventurar aos produtos eventuais, como sou obrigado a fazer, desde que a maior parte dos recursos repousam em meu trabalho, que terá um termo.<sup>57</sup>

Assim procedem os espíritos superiores, convertem toda sorte de intrigas e falatórios em estímulos para prosseguirem em suas tarefas, cumprindo fielmente suas missões. Esses trechos revelam o caráter diamantino de Allan Kardec, a sua probidade administrativa e a transparência com que conduzia a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Conhecemos centros espíritas que fazem questão de comunicar aos seus associados, seja através de boletins ou mesmo de correspondências, como os recursos financeiros foram empregados. Embora respeitemos os que não utilizam os mesmos procedimentos, entendemos que a visibilidade de uma gestão atrai simpatias, congrega esforços, afasta desconfianças, soma para o fortalecimento da equipe de trabalho, facilitando o desempenho de todos.

Vemos assim, caro leitor, que Kardec está superado!

Sim, ele está superado por ele mesmo, pois quando pensamos que uma determinada questão não foi abordada por ele, nos surpreendemos com sua genialidade e antevisão das coisas. Por isso, entendemos que não dá para "atualizar Kardec", por enquanto precisamos mesmo é nos "atualizar com Kardec".

## CAPÍTULO 15 ÓRGÃOS E AGENTES DE UNIFICAÇÃO

Cabe aqui, senhores, uma observação importante sobre a natureza das relações entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou sociedades fundadas sob os seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. A Sociedade de Paris não tem sobre aquelas outra autoridade senão a da experiência; mas, como disse de outra vez, não se imiscui em seus negócios; seu papel limita-se a conselhos oficiais, quando solicitados. O laço que as une é, pois, puramente moral, baseado na simpatia e na similitude das ideias; não há qualquer filiação (...)

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1862

Não há na organização do Movimento Espírita ou pelo menos não deveria haver, nenhum sentido de hierarquia em tomo de pessoas ou órgãos de unificação. O que há é uma adesão a princípios e ideias que juntos, entendemos, devam nortear as nossas iniciativas.

<sup>57</sup> 56 *Id. Ibid.* P. 163.

O papel de um órgão de unificação é o de ser um articulador, um aglutinador de pessoas em torno de um conjunto de propostas, elaboradas e aceitas de comum acordo por essas mesmas pessoas. Sua atuação passa igualmente pela divulgação e multiplicação das boas realizações que ocorrem em cada instituição espírita, estimulando o intercâmbio entre elas.

Deve trabalhar com as demandas dessas mesmas instituições, estabelecendo a partir delas, o planejamento de suas atividades que nunca deve conflitar com aquelas já estabelecidas pelas mesmas, do contrário, teremos um órgão de unificação fazendo um movimento paralelo, dividindo e não agregando os espíritas. Embora isso se tome difícil em regiões onde existam muitas instituições espíritas, entendemos que é possível enviar representantes aos eventos e reuniões, até mesmo porque se espera que as diferentes casas se façam representar nesse órgão, constituindo a sua diretoria.

Nessas reuniões que poderiam ser mais criativas e ter o tempo bem aproveitado, deveria-se trocar ideias, tomar-se conhecimento dos problemas que cada um enfrenta e sugerir-se caminhos para solucioná-los, recebendo igualmente o auxílio que precisamos.

Um órgão colegiado cuja constituição e relação se dê de forma horizontal, sem estrelismos, sem pessoas insubstituíveis, tende a ser uma poderosa alavanca para o progresso de uma região. Quando os membros se respeitam, são sinceros, discutem juntos os problemas e os desafios, revezando-se nas tarefas mais difíceis, colaborando mutuamente para o sucesso coletivo, há um crescimento em rede, onde um acaba se beneficiando do êxito do outro, da mesma forma que o problema de um se torna o problema de todos.

Isso somente é possível quando junto aos órgãos de unificação temos agentes de unificação.

Tais agentes são aquelas pessoas que possuem espírito de equipe, pensam no grupo primeiro, socializam suas conquistas, repartem seus conhecimentos, incomodam-se com a inércia e a apatia, pois entendem que a expressão Movimento Espírita expressa um dinamismo incessante.

Sem abertura de espaços para novos colaboradores, sem uma avaliação constante dos objetivos que estamos perseguindo, não teremos agentes de unificação, teremos apenas reprodução e mesmice. Progrediremos por força das circunstâncias, quando poderíamos atuar mais diretamente, acompanhando os novos tempos.

Entendemos que a unificação se faz primeiro com os agentes e depois com os órgãos. Creio que, quando invertemos essa equação, comprometemos todo o processo que tem como etapas preliminares a reunião e a união.

Para que o nosso movimento traduza a qualidade da Doutrina que o inspira, precisamos vigiar os sentimentos que nos animam quando em relação uns com os outros. Estar atentos àquilo que ainda não superamos, contando com o apoio da



espiritualidade e dos espíritas, a fim de que as nossas imperfeições não afastem companheiros e atraiam para nós, não a crítica que edifica, avalia e faz crescer, mas o comentário que destrói e desestabiliza, rompendo os liames que nos mantêm juntos.

A fim de enriquecer essas digressões, recolhemos um pensamento de Francisco Cândido Xavier que acreditamos endossar o que estamos abordando.

Não entendo unificação sem união (...) A unificação espírita no Brasil tem esbarrado no personalismo daqueles que se dispõem a promovê-la. Não estou fazendo crítica a ninguém, mas quem ocupar um cargo de liderança deve ser o primeiro a preocupar-se, ele mesmo, com a exemplificação do Evangelho.<sup>58</sup>

Alguém que esteja realmente interessado no crescimento do Movimento Espírita, jamais reterá indefinidamente postos de comando e não centralizará decisões, ao contrário, tratará de preparar os companheiros para substituí-lo, a fim de que a tarefa tenha sempre relevo e não a sua própria pessoa.

Encontramos companheiros na liderança desses órgãos unificadores que lamentam a ausência de uma equipe que possa promover eventos, treinamentos, cursos, de modo a imprimir mais qualidade ao movimento. Muitas das vezes, são pessoas com extrema boa vontade, que já tendo dado a sua contribuição, ainda não resolveram passar o bastão. Não para que se afastem da tarefa unificadora, mas para que cedam a liderança a outros que estão na fila de espera e que, também comprometidos e vocacionados com uma tarefa desta natureza, possam dar o seu contributo.

Muitos alegam que desejam entregar o bastão, mas afirmam que ninguém se apresenta para segurá-lo. Esquecem-se de que ao passar o bastão, há um movimento que se inicia antes, pois enquanto o primeiro corre, o outro integrante da equipe já sabe que precisará correr junto com ele (à sua frente) alguns metros, até que se encontre em condições de receber o bastão. O que queremos dizer é que o líder precisa estimular esse movimento nos demais companheiros e estes precisam estimular o líder, não permitindo que ele trabalhe sozinho e suas opiniões sempre prevaleçam, a não ser que de fato expressem a melhor alternativa a ser seguida.

Esta dificuldade se acentua quando estabelecemos requisitos excessivos para os que estarão nos substituindo, desejando até que sejam parecidos conosco.

Não se encontram nem se formam continuadores de uma hora para outra. A coisa é processual, exigindo visão, envolvimento, sensibilidade e desapego da parte de quem lidera, e iniciativa, colaboração, humildade da parte dos que atuam junto ao líder.

Poderia ser uma alternativa, para a dificuldade em formar-se uma equipe no

<sup>58</sup> BACCELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. 1. ed. Votuporanga: Didier, 2000. P. 34.

órgão de unificação, o mapeamento das experiências bem-sucedidas nas diferentes instituições da região, convidando-as para repassá-las, em forma de um curso ou treinamento, para aquelas casas onde há necessidade de se implantar ou aperfeiçoar determinados serviços.

É uma forma de valorizarmos as aquisições das instituições, oferecendo aos companheiros o prazer de socializar seus conhecimentos, sentirem-se gratificados, evitando que sejam sempre as pessoas da própria casa a ministrarem os cursos. Podemos, inclusive, ir a um determinado Centro Espírita aprender com nossos irmãos, promovendo uma integração entre todos e um intercâmbio salutar de ideias.

Se for o caso, irmos até outra região do estado, fretarmos um ônibus ou então financiar a vinda dos companheiros de lá. No que diz respeito a cursos e eventos, ao incentivar e promover essa dinâmica, o órgão unificador estará cumprindo seu papel que naturalmente não deve se limitar a isso.

Quanto à representação dos centros espíritas, muitas vezes ausente nas reuniões ordinárias, nada melhor do que um rodízio de locais, com datas e horários programados num calendário. Seria vergonhoso para uma instituição que sedia uma reunião do órgão unificador não ter sequer um representante participando dela.

Acreditamos que essas ideias já sejam praticadas em muitos lugares do Brasil e do mundo, onde o Movimento Espírita está estruturado. Mas onde ainda está se estruturando ou encontra dificuldades para tal, entendemos que possam ter alguma utilidade.

O verdadeiro agente de unificação não se conformará apenas em saber que as atividades do centro espírita que fie- quenta vão muito bem, antes estará atento para saber o que se passa nos demais centros, não com o intuito de bisbilhotá-los, mas de auxiliá-los, quando solicitado e ser por eles auxiliado, quando necessário, a fim de intercambiar ideias, experiências, problemas e soluções.

Não poderá sentir-se satisfeito por ter uma sede própria, sabendo que há centros na região que ainda pagam aluguel para oferecer seus serviços à comunidade.

Não se sentirá plenamente feliz por estar obtendo êxito em suas atividades, se sabe que outros enfrentam problemas e dificuldades e, podendo ajudá-los, ainda permanece à distância, sabendo que esses irmãos não são fechados a nenhuma contribuição e, pelo contrário, até desejam ajuda.

Há muito a ser feito, nosso movimento é novo, virtuoso em muitos aspectos, tortuoso em outros, temos a oportunidade de fazê-lo ainda mais belo, dinâmico, fraterno, entendendo que qualidade nos serviços não significa esquecimento da caridade, tecnicismo e distanciamento da simplicidade.

Allan Kardec era simples, mas organizado, fraterno, mas criterioso, vivia no presente, mas pensava no futuro, sabia que as regras e as instituições são passageiras, mas nem por isso deixou de criar um estatuto para a Sociedade

Parisiense de Estudos Espíritas, enfrentava problemas na sua administração e apesar disso visitou e se correspondeu o quanto pôde com os centros espíritas que existiam na França e no mundo inteiro.

Não devemos esquecer que na medida em que nos melhoramos, qualificamos também as nossas instituições e que instituições e órgãos unificadores, mais qualificados, são também estímulos para que todos incessantemente se aperfeiçoem. E isso só se toma possível quando pensamos e agimos como agentes de unificação.

## CAPÍTULO 16 MODISMOS, ATAVISMOS E INGENUIDADES

Pediste-me alguns conselhos e para mim é um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá sugerir-me. Não passarão, sempre, de uma opinião pessoal, que vos convido a ponderar com a vossa sabedoria e da qual fareis o uso que vos parecer mais adequado, pois não tenho a pretensão de me impor como árbitro absoluto.

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1860

O Movimento Espírita é realizado por criaturas humanas e como tal apresenta as características que são comuns aos homens, com suas virtudes e imperfeições. Ainda que o Espiritismo seja uma doutrina que prime pela qualidade, é natural e até comum que as imperfeições que ainda possuímos acabem conspirando contra um trabalho bem-feito. Só não é natural que nos acomodemos a elas, justificando as improvisações que se repetem, a frequente falta de planejamento, a má comunicação e a mesmice como fruto do nosso atraso espiritual.

Problemas eventuais ocorrem em qualquer lugar, mas problemas que se repetem assinalam falta de cuidado e desatenção. E isso requer compromisso com o que se faz, avaliação permanente, e conhecimento de outras realidades, não apenas por parte de quem lidera um grupo, mas de todos os que integram uma equipe de trabalho.

Primar pela boa organização de um evento, das atividades rotineiras do centro e do movimento espírita, aperfeiçoando- as continuamente, é respeitar os esforços permanentes da espiritualidade que de forma incansável não cessa de nos orientar.

Aprender com os nossos e com os erros alheios, analisar iniciativas e comportamentos, objetivando o nosso crescimento, é fundamental para entendermos e nos prevenirmos em relação aos modismos, atavismos e

ingenuidades que aparecem em nosso movimento. Movimento que é marcado pela liberdade da qual não abrimos mão e com a qual, muitas vezes, cometemos excessos, incorporando teorias e práticas que destoam da proposta espírita.

Os modismos são comportamentos passageiros que têm a duração exata do entusiasmo com o qual os acolhemos e os divulgamos. São um reflexo da precipitação, da falta de reflexão em torno do que ouvimos de alguém, vimos em algum centro ou mesmo do que lemos em algum livro.

Os atavismos resultam das experiências e características que adquirimos em vidas passadas, quando nos vinculávamos a outras religiões, partidos políticos ou mesmo a outras culturas e que, de uma forma ou de outra, acabaram sendo reforçados pelos hábitos adquiridos e cultivados na atual existência. Eles têm tudo a ver conosco e muitas vezes nada a ver com a doutrina.

As ingenuidades tanto podem ser uma mescla de modismos com atavismos, quanto comportamentos infantis, decorrentes da falta de um mínimo de maturidade por parte de alguns companheiros.

Um exemplo do que afirmamos é o que nos foi apresentado pelo escritor Nazareno Tourinho, em um de seus livros. Ele assinala com bom humor que no movimento espírita existem dois olhos defeituosos: o misticismo e o intelectualismo.

(...) o primeiro míope, incapaz de vislumbrar com clareza o sentido do bem por se achar envolvido em crepes ritu- alísticos; o segundo estrábico, incapaz de focalizar a realidade sem deploráveis distorções. Agora começamos a notar o nascimento nele de um terceiro olho, o TECNICISMO, cego porque tem suas pálpebras completamente fechadas para o caráter consolador de nossa crença.<sup>59</sup>

Se o misticismo nos enreda em rituais, palavras e até expressões corporais que nenhuma relação possuem com o Espiritismo, deturpando nossa visão em relação à doutrina e ao real significado de um centro espírita, o intelectualismo nos incita às disputas teóricas, à competição com nossos irmãos de crença e com os demais religiosos. O tecnicismo já está relacionado com a burocracia excessiva, que ao ser instituída em um centro espírita, inibe a espontaneidade e a caridade em nome da organização. Nesse caso acaba se criando tantas formalidades para alguém ser atendido ou poder colaborar, que o ambiente toma-se uma espécie de repartição pública.

Seguindo nessa linha de raciocínio, enumeramos abaixo algumas atitudes que já tivemos, presenciamos ou ouvimos dizer que ocorrem em nosso movimento. Tais atitudes representam algumas das quais estamos chamando de modismos, atavismos e ingenuidades.

<sup>59</sup> TOURINHO, Nazareno. *Relações Humanas nos Centros Espíritas*. São Bernardo do Campo: Edições Correio Fraternal do ABC, 1994. Cap. 'O terceiro olho'.

**1.** Priorizar a frequência a instituições espíritas onde se localizam trabalhadores que desfrutam de aceitação, projeção e respeito no movimento espírita, não como quem procura um lugar confiável e equilibrado para estudar e servir, mas para divulgar que pertence ao grupo "X", desfrutando da ingênua admiração que esse pertencimento possa lhe proporcionar.

**2.** Desejar implantar, *com exclusividade*, técnicas modernas de gestão empresarial no centro espírita, olvidando as diretrizes administrativas existentes na própria codificação e obras subsidiárias.

**3.** Criar frentes de trabalho semelhantes às que existem em outros centros, esquecendo-se de avaliar a história, a cultura institucional e o contexto sócio-econômico onde a instituição espírita se localiza, a fim de atestar as reais necessidades do bairro ou região.

**4.** Tentar trabalhar na mesma intensidade e com a mesma disponibilidade de tempo com que trabalham determinados médiuns, alguns deles solteiros e outros já aposentados, deixando de atender aos deveres familiares e profissionais.

**5.** Tratar-se *exclusivamente* com a medicina espiritual, desconsiderando os diagnósticos e terapias da medicina convencional.

**6.** Introduzir de forma irrestrita a cultura geral nas reuniões de estudo doutrinário, sem relativizar teorias, colocações, livros e autores, deixando de passar as informações que estes veiculam pelo crivo da razão, do bom senso, do sentido de oportunidade e pelo critério da universalidade dos ensinamentos transmitidos pelos espíritos.

**7.** Acreditar que para ser um bom espírita é necessário ter uma mediunidade ostensiva, ser expositor, escritor ou dirigente de centro.

**8.** Idolatrar médiuns, escritores, expositores e dirigentes espíritas, acreditando que essas pessoas não cometam erros e que a convivência e a intimidade com elas nos credencia a um lugar acolhedor no mundo espiritual, além de maior proteção espiritual.

**9.** Associar a alegria e o bom humor, a espontaneidade e a jovialidade de alguns companheiros, a comportamentos obsessivos e vulgares, que acabam maculando a ambiência espiritual do centro espírita.

**10.** Manter salas hermeticamente fechadas, destinando-as a trabalhos de ordem mediúnica, quando o departamento de Infância e Juventude, em razão do número crescente de crianças e jovens, necessita de espaço para realizar o trabalho de evangelização.

**11.** Impedir generalizadamente as conversações no centro espírita (até as edificantes), impondo com sutileza, a ditadura do silêncio contemplativo como sinônimo de prece.

**12.** Identificar como invigilância, estímulo à vaidade alheia e ignorância doutrinária, os aplausos espontâneos a uma apresentação artística ou palestra que ocorra nas dependências do centro.



**13.** Acreditar que o exercício da faculdade mediúnica, seja ela qual for, não se harmoniza com uma vida sexual equilibrada e responsável, adotando a abstinência ou desacreditando uvmucu io nas comunicações recebidas por companheiros que tenham uma vida sexual ativa.

**14.** Não admitir e rotular de profanas e antidoutrinárias, músicas que tenham coreografias, sem considerar se as mesmas "são o belo expressando o bom."

**15.** Radicalizar hábitos alimentares, deixando de atender as necessidades do próprio organismo, por acreditar que a abstinência de certos alimentos, mais que de certos comportamentos, acelera o crescimento espiritual.

**16.** Buscar, no movimento espírita, a projeção e o espaço que não obteve na vida social, profissional ou familiar, como forma de compensar as próprias frustrações.

**17.** Viver uma biografia que não seja a própria, imitando o estilo de expositores, os trejeitos e a voz de determinados médiuns.

**18.** Receber companheiros convidados para realizar alguma tarefa no centro espírita, sem se preocupar em criar meios e fornecer informações que facilitem o deslocamento dos mesmos, deixando de compensar, quando possível, os gastos que tiveram, não perguntando se fizeram alguma refeição, se estão com sede, acolhendo-os como irmãos que visitam a nossa própria casa.

**19.** Mudar sempre, com tal frequência e por qualquer motivo a rotina de estudos e trabalhos do centro espírita, aponto de acabar fazendo com que tudo permaneça sempre igual.

A presença desse conjunto de atitudes em nosso meio, exige de nossa parte muita atenção e cuidado, a fim de que as nossas palavras e ações não acabem endossando comportamentos estranhos em nosso movimento doutrinário.

Vejam os que diz o Espírito Camilo<sup>60</sup> a respeito destes assuntos:

Ainda em nosso Movimento Espírita, se há confundido o caráter universalista do Espiritismo com uma infausta tendência agregacionista (...), tudo o que é encontrado de interessante mundo afora, deseja se agregar ao Espiritismo. Cânticos, terapias, experimentações psíquicas diversas, mantras, vestuário, jargões, festividades de gosto execrável e coisas outras (...). E o que é mais contristador, é que tudo isto se dá diante da postura inerme dos que aceitaram responsabilidade diretivas das quais não dão conta. Tudo isto tem sido acompanhado com o consentimento dos que dirigem, coordenam, orientam...

Sabemos que toda mudança exige tempo para ser compreendida e incorporada, cabendo a cada um a responsabilidade de agir com decisão onde esteja. Não se

<sup>60</sup> **39** TEIXEIRA, José Raul. *Desafios da Educação*. Pelo Espírito Camilo. Niterói: Frater, **1995**. 'Uma reflexão sobre o movimento espírita.

trata de alijar ninguém, excluir ou marginalizar nenhum irmão, mas de separar o joio do trigo, afirmando a importância daquilo que efetivamente soma para um movimento que retrate com fidelidade a grandeza da ideia que lhe inspira.

## CAPÍTULO 17 HUMANIZAR

O Espiritismo toma, pois, soberanamente feliz; com ele não mais isolamento nem desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu vários crimes, levou a paz a inúmeras famílias, corrigiu muitos desvios. Sim o Espiritismo toma feliz e é isto que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu triunfo futuro.

Allan Kardec *Revista Espírita* de **1860**

Dentre as inúmeras e possíveis definições para o vocábulo Humanizar, diremos que Humanizar é chegar ao estágio evolutivo de ser humano, atingir o reino hominal e adquirir as características que são próprias da espécie humana, tanto no aspecto biológico quanto no intelecto-moral.

No aspecto biológico é inevitável que isso ocorra, pois a Lei de Progresso é inexorável e determina que tudo avance, se aperfeiçoe e se engrandeça, mesmo à revelia da nossa vontade.

No aspecto moral, a consciência e o livre-arbítrio são os determinantes do ritmo e da forma como desejamos crescer. Cada um lida com a noção de tempo perdido ou bem aproveitado à sua maneira. Não há um padrão ao qual todos, de forma idêntica, devamos nos submeter.

Por isso somos todos diferentes e ao mesmo tempo semelhantes.

A clara percepção do que nos aproxima e nos distancia uns dos outros é um fator importante, para respeitarmos o que é próprio de cada um e nos determos naquilo que é comum a todos. Principalmente em se tratando das relações que estabelecemos no movimento espírita e, particularmente, no centro espírita.

Humanizados, nos sintonizamos com a proposta de Jesus, que nos ergue do instinto para a razão, das emoções para os sentimentos, desenvolvendo, em nosso coração, a tolerância e a solidariedade que precisamos para viver em sociedade.

Humanizados, despertamos a empatia e a compaixão, procurando compreender e auxiliar o companheiro em sofrimento.

Humanizados, compreendemos o verdadeiro sentido da palavra caridade como a entendia Jesus, isto é: "Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas."<sup>61</sup>

Humanizados, entendemos que não podemos nos tornar "anjos" sem que tenhamos vivido primeiro como seres humanos, tolerando-nos e aceitando-nos uns

<sup>61</sup> " KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Léon Denis - Gráfica e Editora, **2006**. Pergunta **886**.

aos outros, porque em verdade precisamos uns dos outros para crescer e conquistar a felicidade.

Humanizar o movimento espírita implica em recolocar o ser humano "no centro do centro espírita", ou seja, envidar esforços para a modernização de instalações, adquirir recursos tecnológicos, desenvolver programas de qualificação, mas tudo isso focado na pessoa, no espírito imortal.

Essa proposta não apenas reforça o conjunto de atitudes daqueles que vivem a essência da proposta espírita, mas também alerta aos que possam estar priorizando o que é secundário em nosso movimento.

Chico Xavier foi bem claro e objetivo, quando se posicionou a respeito da necessidade de nos humanizarmos. Ele afirmou

(...) que os espíritas são chamados à vivência e à convivência propriamente humanas, sem toques de angelitude prematura. Somos criaturas humanas, e por isso mesmo, a humanização dos nossos serviços em Doutrina Espírita é trabalho que consideramos urgente.<sup>62</sup>

Uma ação humanizante ou humanizadora não dispensa nem dá menos valia ao estudo doutrinário, ao contrário, por suas características conscientizadora e libertadora, este sempre deverá estar em primeiro lugar no rol das atividades e prioridades do centro espírita. Mesmo porque, é esse estudo que nos estimula e nos instrumentaliza para a ação caridosa para com todos.

O verdadeiro estudioso do Espiritismo é alguém que se esforça para ser fraterno com aqueles que estão à sua volta.

Humanizar significa, ainda, abrir espaços para a participação de outros companheiros nas tarefas do centro espírita; banir o autoritarismo das nossas atitudes; criar programas para as criaturas e não o contrário; construir um clima democrático nas nossas decisões; promover os irmãos que sejam assistidos, evitando torná-los dependentes; nos revezar nas tarefas consideradas difíceis; oferecer apoio aos que laboram em outros departamentos; colocar o espírito de trabalho antes da vocação para a crítica vazia e ferina; entender que o outro produz em conformidade com o seu entendimento e disponibilidade; atender de forma fraterna os que buscam o apoio do centro espírita, etc.

E, enfim, trazer Jesus para dentro de nossas instituições doutrinárias, atuando com base nos seus ensinamentos, percebendo que muitas das vezes em nossos centros espíritas e em nossas atividades, precisamos mais de espiritualidade e não apenas de instrução.

<sup>62</sup> BACCELLI, Carlos A. *Chico Xavier - Mediunidade e Paz*. Votuporanga: Didier, 1996. P. 44.

# CAPÍTULO 18

## HUMANIZEMOS KARDEC

(...) não passo de um instrumento nas mãos da providência. Convencido da verdade desta doutrina, e do bem que ela está convocada a produzir, tratei de lhe coordenar os elementos; esforcei-me por tomá-la clara e para todos inteligível. É tudo quanto me cabe e, assim, jamais me considere seu criador.

Allan Kardec *Revista Espírita* de 1861

Seria muito importante que todos os que nos dizemos espíritas, conhecêssemos um pouco mais sobre a vida de Allan Kardec, principalmente sua vida pessoal. Isso é possível mediante a leitura das biografias que já foram escritas a seu respeito, os relatos que ele próprio fez na *Revista Espírita* e também por meio do que declararam os seus contemporâneos, aqueles que o conheceram de perto.

Esse conhecimento do homem nos facultaria maior entendimento do Codificador, pois foram as suas características como ser humano, adquiridas ao longo de inúmeras reencarnações, que credenciaram-no a se tomar o grande e nobre missionário que tanto admiramos.

Quando tomamos contato com algumas destas informações, sentimos Allan Kardec como um companheiro muito próximo, amigo, atento, sensível à dor alheia e aos problemas dos que estavam à sua volta. Acrescentamos doçura, afabilidade, sentimento caritativo, bom humor mesmo ao vulto sério e perqueridor, cognominado por Camille Flammarion como "o bom senso encarnado."

Segundo Léon Denis,<sup>63</sup> Allan Kardec tinha ido passar alguns dias em casa de amigos na cidade de Touraine e estes haviam alugado uma sala para ouvir o mestre dissertar sobre o Espiritismo. Pediram autorização junto à prefeitura para a realização da reunião, pois uma lei do Império francês impedia qualquer concentração com mais de vinte pessoas. Como o pedido não foi deferido, a reunião foi transferida para o jardim da casa do Sr. Rebondin e o próprio Léon Denis, ainda jovem, ficou encarregado de prevenir os convidados, indicando-lhes o local correto.

Mas o que marca neste episódio é a forma como Denis descreve o jeito de Allan Kardec responder as perguntas. Segundo ele, o Codificador as respondia com *fisionomia sorridente*.

No dia seguinte, quando Denis retoma ao local para visitar o mestre, encontra-o sobre um pequeno banco, junto a uma grande cerejeira, colhendo,

<sup>63</sup> "LUCÉ, Gaston. *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 1989. P. 26 e 27.

descontraidamente, frutos que jogava para sua esposa, Amélie Boudet.

Mas não pára por aí as singulares e humanas facetas de Allan Kardec. Quando este desencarna, quatro pessoas discursam no enterro do seu corpo. Inicialmente o Vice-Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Levent, em seguida Camille Flammarion (discurso que ficou mais conhecido), depois Alexandre Delanne e, por fim, o Sr. E. Muller.

Todos eles mencionam alguns traços do caráter do homem Kardec. O Sr. E. Muller, falando em nome da viúva, diz que ao longo dos trinta e sete anos de felicidade que Amélie Boudet desfrutou ao lado do marido, pode constatar a sua "pureza de costumes, sua honestidade absoluta e seu sublime desinteresse (...)"<sup>64</sup>

Noutra ocasião, numa reunião realizada em 09 de abril de 1869, o já citado Sr. Levent refere-se a Kardec como alguém que possuía "zelo infatigável" em seus trabalhos, "desinteresse absoluto, total abnegação de si mesmo", junto a uma constante "perseverança" na direção da sociedade que presidiu até a desencarnação.<sup>65</sup>

Mas são as falas de Anna Blackwell, tradutora de algumas obras de Kardec para a língua inglesa e de P.G. Leymarie que dão o tom que desejamos imprimir a este capítulo. Vamos encontrá-las na bela obra de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen publicada em três volumes pela Federação Espírita Brasileira.<sup>66</sup> Tanto Leymarie quanto Ana Blackwell conheceram de perto o Codificador e puderam, como poucos, destacar seus principais traços.

Ana afirma que pelas feições Allan Kardec mais parecia um alemão do que um francês.

Era ativo e tenaz, mas de temperamento calmo, precavido e realista quase à frieza, céptico por natureza e por educação, argumentador lógico e preciso, e eminentemente prático em suas ideias e ações, distanciado assim do misticismo (...) ponderado, lento no falar, sem afetação, com inegável dignidade, resultante da seriedade e da honestidade, traços distintivos do seu caráter.(...) recebia amavelmente os numerosos visitantes que acorriam de todas as partes do mundo, para conversar com ele (...) com os quais falava franca e animadamente. Em algumas ocasiões apresentava fisionomia radiante, com um sorriso agradável e prazenteiro.

O depoimento de Leymarie é ainda mais intimista, pois recebia Kardec em sua casa, bem como o visitava em sua residência. Afirma que o mestre frequentemente vinha vê-lo e "se distraía a contar anedotas de alto nível, às

<sup>64</sup> "THIESEN, Francisco e WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 1988. (Volume 3 — 'A desencarnação.')

<sup>65</sup> « *Ici.Ibid.* P. 129.

<sup>66</sup> <sup>65</sup> *Id.Ibid.* 'Como Ana Blackwell e um adversário viram Kardec'.



quais não faltavam ditos gauleses”.

Conta ainda Leymarie que Kardec nos últimos dias de sua vida, convidava amigos para jantar em sua Villa de Ségur e “depois de haver debatido os pontos mais difíceis e mais controvertidos da Doutrina, esforçava-se para entreter os convidados. Mostrava-se expansivo, espalhando bom humor em todas as oportunidades.”

Os espíritas mais sisudos vão estranhar Allan Kardec contando anedotas, mas este estranhamento é muito saudável, pois nos leva a pensar que o nosso é um movimento de vivos, como preconizava o grande espírita brasileiro Leopoldo Machado. Quem encontra um tesouro se felicita com seu achado. A questão é que trazemos os atavismos das religiões por onde perambulamos e riso, alegria, bom humor eram sinônimos de vulgaridade e até de coisas diabólicas.

Veza por outra ouvimos Divaldo Franco narrando, em suas conferências, anedotas agradáveis, reflexivas, citando, inclusive, algumas que lhe foram contadas por Chico Xavier. É um grande erro associarmos o riso sincero, descontraído, mesmo na intimidade do centro espírita a algo de natureza vulgar e obsessiva. Não nos referimos ao deboche, ao sarcasmo, a depreciação de quem quer que seja.

Entendemos que há momentos e reuniões que pedem um pouco mais de recolhimento e silêncio, mas precisamos tomar cuidado com os exageros, pois se a disciplina é necessária, em excesso ela não educa, antes violenta.

Recentemente uma companheira espírita nos relatou um fato curioso. Ela, por ser muito expansiva, fora abordada por um diretor do centro espírita que frequenta, que não concordando com sua demasiada alegria, queria saber onde estava escrito que os espíritas deveriam ser assim tão alegres e viverem se abraçando, pois entendia que a Doutrina era algo muito sério.

De fato o Espiritismo é algo muito sério e que deve ser encarado com seriedade, mas seriedade aqui é sinônimo de responsabilidade e não de cara fechada, amarrada, sisu. O semblante circunspecto não confere responsabilidade e sabedoria a ninguém. Grandes gênios da humanidade eram bem-humorados e nem por isso deixaram de ajudar a humanidade a caminhar para frente e para o alto.

Sem alegria natural e espontânea, nosso movimento acabará repetindo o formalismo das religiões tradicionais. Nem a criança nem o jovem encontram prazer num ambiente que seja permanentemente silencioso e contemplativo.

Ao que nos parece Allan Kardec era sério no sentido mais amplo e profundo da palavra, por isso mesmo tinha uma permanente jovialidade.

A seriedade mal compreendida conduz-nos a um envelhecimento precoce, tomando-nos permanentemente insatisfeitos e o que é pior, implicantes, querendo que todos se moldem ao nosso jeito de ser.

Quando os restos mortais de Allan Kardec são transferidos do cemitério

Montmartre para o cemitério Pere-Lachaise, Alexandre Delanne, que fora seu amigo íntimo, recebe o convite para discursar e impossibilitado por motivo de doença, envia uma carta para ser lida na ocasião. Nesta carta ele revela o caráter diamantino e principalmente o grande coração, o homem evangélico que fora Kardec.

Narra que indo com um amigo até a casa de Kardec, este companheiro passou a contar para ambos o sofrimento de um ancião, que vivendo sob difíceis provações, não tinha roupas adequadas para o frio e agasalhava seus pés em tamancos de madeira rudemente trabalhados. Mas este homem longe de se lamentar e com vergonha de pedir algo a alguém, resignava-se lendo um livro espírita, que lhe infundia grande consolo e resignação, trazendo-lhe esperanças de um futuro melhor. Delanne cita que neste instante viu rolar dos olhos de Allan Kardec uma lágrima de compaixão e, confiando ao companheiro algumas moedas de ouro, pediu que este as levasse para prover as necessidades do ancião. Não satisfeito, solicitou-lhe voltar no dia seguinte, pois sendo o ancião espírita, Kardec prometia providenciar algumas obras que pudessem facilitar sua instrução, já que ele não dispunha de recursos para tal.

Nesta mesma carta, Delanne narra também o episódio em que uma família fora despejada e conduzida a extrema miséria. Sabendo do ocorrido, Kardec, mesmo sem conhecê-los, sem cogitar se eram espíritas ou não, forneceu os recursos para tirá-los da miséria, evitando, inclusive, o suicídio de um pai de família.

Citando, ainda, outros fatos que revelam a alma bondosa deste homem notável, retiramos um trecho que, não sendo o desfecho da carta, ao menos resume bem o teor de tudo o que Alexandre Delanne quis narrar:

Não mais pararia eu de falar, se tivesse necessidade de vos lembrar os milhares de fatos desse gênero, conhecidos tão-somente por aqueles que Allan Kardec socorreu; não amparava apenas a miséria, levantava, também, com palavras confortadoras, o moral abatido. Jamais, porém, sua mão esquerda soube o que dava a direita.<sup>67</sup>

Divaldo Franco<sup>68</sup> citando Ana Blackwell, comenta que, para ela, o Codificador tinha sua ponta de vaidade, como a pêra que usava junto com o bigode, a fim de esconder uma verruga.

Da mesma forma Chico Xavier usava sua peruca e se justificava:

(...) corre o boato, depois dos programas de televisão, de que eu, hoje, sou uma pessoa que vivo da vaidade, que pus cabelo na cabeça. E pus mesmo porque preciso, é implantação, é cobertura, tem o nome de peruca, seja lá o que for, isso me honra

<sup>67</sup> <sup>66</sup> *Id.Ibid.* P. 136-138.

<sup>68</sup> <sup>67</sup> FRANCO, Divaldo. *Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas*. 4.ed. São Paulo: USE, 1995. P. 151.

muito, eu quero viver.

Eu não quero aparecer como uma ruína humana diante de meus amigos, todos bem postos, bem tratados. Por que é que eu vou aparecer como uma pessoa que morreu e que só falta enterrar?<sup>69</sup>

O grande problema é que não damos aos outros, principalmente aos médiuns ou companheiros que de alguma forma se destacam, o direito de serem eles mesmos. Queremos, ingenuamente, ídolos, pessoas infalíveis, santos corporificados na Terra para estarem ao nosso serviço.

Vale à pena pensarmos na dimensão humana de Allan Kardec, repensando a maneira como nos relacionamos com médiuns, expositores, escritores e dirigentes espíritas.

Essa mudança no olhar é muito importante para que nos toleremos uns aos outros, exigindo mais de nós do que dos nossos irmãos.

Humanizar Kardec significa perceber seus sentimentos, sua dimensão humana, sua sensibilidade, é admirar sua racionalidade, mas entender que esta estava a serviço de sua generosidade, a serviço de Jesus.

Que cada um de nós estabeleça seu ritmo de trabalho e dedicação à causa espírita, sem censurar a ninguém, sem julgamentos precipitados, permitindo que cada qual conduza sua vida íntima, familiar e profissional da forma como lhe apraz, certo de que ninguém salva ninguém e que somente amando- nos uns aos outros, com todas as diferenças que possuímos, é que lograremos crescer de dentro para fora, sem alardes, sem desejo de destaque, sem competir com ninguém.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTORES DIVERSOS. *Centros e Dirigentes Espíritas*, 1.ed. São Paulo: USE, 1993.

BACCELLI, Carlos A. *Chico e Emmanuel*. Votuporanga: Didier, 1996.

\_\_\_\_\_. *Chico Xavier – Medunidade e Paz*. Votuporanga: Didier, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Chico Xavier*, 1.ed. Votuporanga: Didier, 2000.

BARCELOS, Walter. *Aprendendo, Amando e Servindo*, 1.ed. Votuporanga: Didier, 2000.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

\_\_\_\_\_. *Saber Cuidar*. Petrópo-

<sup>69</sup> BACCELLI, Carlos A. *Chico e Emmanuel*. Votuporanga: Didier, 1996. P. 112.

lis: Vozes, 1999.

CAMARGO, Pedro de. *O Mestre na Educação*. 3.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

CARVALHO, Antonio César Perri de. *Espiritismo e Modernidade*. I.ed. São Paulo: USE, 1996.

DELORS, Jacques. *Educação um Tesouro a Descobrir*. Porto: Asa/ Unesco, 1996.

DEMO, Pedro. *Pobreza Política*. 3.ed. Cortez Editora, 1991. Volume 27. DUPRET, Leila. *Errar é Humano*. Rio de Janeiro: Stamppa, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelo Espírito Victor Hugo. Árdua Ascensão*. Salvador: Leal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Conversa Fraterna -*

Divaldo Franco no Conselho federativo Nacional. Brasília: FEB, 2001.

^ \_\_\_\_\_. *Diálogo com Dirigentes*

e Trabalhadores Espíritas. 4.ed. São Paulo: USE, 1995.

\_\_\_\_\_. *Momentos de Consciência*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, 1992.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 1 .ed. Rio de Janeiro: Léon Denis - Gráfica e Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*.

15.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

^ \_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*, I.ed.

Rio de Janeiro: Léon Denis — Gráfica e Editora, 2002.

^ \_\_\_\_\_. *Revista Espírita de*

1860. Sobradinho: Edicel.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita de 1861*. Brasília: Edicel.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita de 1862*. Sobradinho: Edicel.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita de 1865*. Sobradinho: Edicel.. *Revista Espírita de 1869*. Sobradinho: Edicel.

\_\_\_\_\_. *Viagem Espírita em*

1862. 2.ed. Matão: O Clarim, 1968. Tradução de Wallace L.V. Rodrigues.

LUCE, Gaston. *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, I.ed. Rio de Janeiro: Léon Denis — Gráfica e Editora, 1989. Tradução de José Jorge.

MIRANDA, Hermínio C. *Diálogo com as Sombras*. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001. UNESCO.

NICK, Eva e CABRAL, Álvaro. *Dicionário Técnico de Psicologia*. I.ed. São Paulo:

- Cultrix, 1997.
- OLIVEIRA, Alkíndar de. *O Espírita do Século XXI*. 1.ed. Santo André: EBM, 2001.
- — — — — . *O Trabalho Voluntário na Casa Espírita*, 1.ed. São Paulo: Petit, 2001.
- PAIVA, Maria Eny Rossetini. *Asas para o Infinito*. 2.ed. Capivari: EME Editora, 1999.
- PEREIRA, Yvonne A. *Dramas da Obsessão*. 8.ed. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- RAMAZZINI, Elaine Curti e VALENTE, Maria Aparecida. *O Idoso no Centro Espírita*. São Paulo:USE, 2000.
- SANTO, Ildefonso do Espírito. *Repensando o Movimento Espírita no Brasil*, 1.ed. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1999.
- TEIXEIRA, José Raul. Pelo Espírito Camilo. *Correnteza de Luz*. 1.ed. Niterói: Frater, 1991. . *Desafios da Educação*, 1.ed. Pelo Espírito Camilo. Niterói: Frater, 1995.
- THIESEN, Francisco e WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, volume III.
- TOURINHO, Nazareno. *Relações Humanas nos Centros Espíritas*. 1.ed. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1994.
- VIEIRA, Waldo. Pelo Espírito André Luiz. *Conduta Espírita*. 21.ed.. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- VIEIRA, Waldo e XAVIER, Francisco Cândido. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. *Estude e Viva*. 8.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz. *Nosso Lar*. 39.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- . Pelo Espírito André Luiz. *Os Mensageiros*. 21 .ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.